

**ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA  
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

---

aPErj - RIO 4

**SUPLEMENTO CIENTÍFICO**

**Nº 5 - Julho/2005**

---

## Editorial

Mais um novo número do nosso Boletim, refletindo posições teóricas e práticas pertinentes ao fazer psicanalítico, que acreditamos. Em nossos trabalhos o pulsar de idéias e questões presentes sempre na prática cotidiano, respeitando as adversidades de um tempo traumático, sem abrir mão, entando, da Ética – fio condutor exemplar e fiel.

Boletim Científico reiterando novas mudanças. Aceita como conteúdo artigos de outros autores (que nos interessem no momento), bem como avisos, resumos, resenhas. Necessário enfatizar o valor de nossa produção, testemunhando caminhos e lutas. Mãos à obra. Candidatos, também, devem contribuir – incentivo à Escrita e ao convívio.

Ana Lia

## **AVISOS**

- **FORMAÇÃO PSICANALÍTICA**

### **COORDENAÇÃO DE ENSINO DE PSICANÁLISE**

*Comunica que se encontram abertas as inscrições para*

#### **FORMAÇÃO PSICANALÍTICA**

Curso destinado a MÉDICOS e PSICÓLOGOS graduados ou ESTUDANTES no último ano

SISTEMA DE FORMAÇÃO PERMANENTE

- **Curso Filosofia e Contemporaneidade**

Prof. Ieda Tucherman  
Doutora em Comunicação - UFRJ  
Pós-Doutorado - Centre Pompidou - Paris

#### **PROGRAMA**

- Percursos da Modernidade
- Passagens: Do Moderno ao Contemporâneo
- Pensando a Atualidade

Aulas quinzenais às 3as. feiras , 21 h.  
Início do curso: 23 de agosto de 2005  
Sede da APERJ

- **44º Congresso Internacional da IPA**

“Trauma: Novos Desenvolvimentos em Psicanálise”  
Rio de Janeiro, 28 - 31 Julho, 2005  
Maiores informações: [www.ipa.org.uk](http://www.ipa.org.uk)

- **XX Congresso Brasileiro de Psicanálise**

“Poder, sofrimento psíquico e contemporaneidade”.  
Brasília, 11 - 14 Novembro, 2005  
Maiores informações: [www.abp.org.br](http://www.abp.org.br)

## TRABALHOS

- **ORFANDEDE NA INSTITUIÇÃO PSICANALÍTICA**  
Ana Lia Vianna Ambrósio
- **A brief survey on the difference between fantasy and imagination in the light of Bion's psychoanalytic object.**  
Arnaldo Chuster
- **Um herói e um anti-herói: Dois personagens de outro mundo e seus lances no jogo de vida e de morte.**  
Ruth Rissin
- **SELF NUCLEAR E PSICANÁLISE APLICADA**  
Silvia Helena Kossmann

## Orfandade na Instituição Psicanalítica

Relendo um texto publicado no jornal “Destacamento” – ano 2, número 15, maio de 1997, pensei outros aspectos sobre a inserção dos analistas em suas moradas (instituições). “Muito mais que um crime”, minha autoria.

O texto toma como referência o filme “Muito mais que um crime”, de Costa Gravas. O filme narra o julgamento de um membro da Seção Especial Nazista na Hungria – Laszlo – há aproximadamente 50 anos, acusado de hediondos crimes de guerra, onde predominavam o abuso do poder, através das forças psíquicas, físicas, e *morais*. Subversão absoluta dos valores no Nazismo.

A filha de Laszlo – Anni – renomada e respeitada advogada criminalista nos EUA (onde transcorre o filme) aposta na inocência do pai, tornando-se sua advogada de defesa. Depois de muito hesitar devido à insistência paterna, que amistosamente lembrava a filha o quanto dedicara-se à ela. Cobrando, de volta, o afeto. Anni perdera a mãe cedo. Divorciara-se, contando com a ajuda de pai na educação do filho. O conflito da relação edípica, do amor entre pai, filha e, neto - presentes em toda a narrativa do filme.

Conflito que nos remete à questão da filiação nas instituições psicanalíticas. Da viabilidade de uma “alteridade” entre pares e irmãos. Sob um olhar (fantasmático ou não) do pai. Como se resolvem e evoluem restos transferenciais, ou mesmo a transferência nas análises didáticas? Se, de fato, a autonomia do “filho” ou do “novo analista” de seguir e escolher a própria trajetória, possível? Preço a pagar? Autonomia significando o doloroso sentimento de orfandade? Necessário e transitório. Alianças outras, guardando resquícios inevitáveis de transferência, surgirão. Reflexão que diz respeito, não só aos didatas, como também aos analisandos. Embora, o cerne da problemática, dependa mais da “autoridade” paterna. Comum, os “novos analistas” afastarem-se da Sociedade, breve tempo, para elaborarem a Separação.

Relembremos o artigo de Winnicott – A capacidade para estar só, de 1958 – onde ele nos remete à possibilidade de desfrutarmos da condição primordial de estarmos só. Da vitalidade imprescindível à nossa saúde psíquica, fruto desta conquista. Primeiro sós, na presença da figura materna, para depois introjetá-la e, de fato, seguirmos nosso caminho “relaxados”. Termo empregado adequadamente pelo autor.

Alguns não suportam viver a nova condição; ora, seguindo os laços paternos, ora, buscando vínculos opostos. Ambos negando a realidade. Conjecturas apenas, talvez esteja tentando minimizar ou resumir difíceis e infinitas travessias. Onde, a capacidade de estarmos sós, ganha vital relevância.

Retomando Winnicott: o ideal seria o paciente “esquecer” que fez análise. Metáfora sonhada? Nem sempre. E no exercício do analista? Sobrenome indispensável? Em jogo: a maior proximidade da verdade, tangenciando a relação analista-paciente. E o seu reconhecimento sempre presente. Apesar de tudo que envolve o conceito de verdade... Verdade do “desabrochar” (Carneiro Leão, Emanuel.)

Voltemos ao filme: À medida que o julgamento avança, percebemos Anni cada vez mais desconfiada sobre a inocência do pai. As peças do quebra cabeça não se encaixam dentro

da filha. E a cada depoimento das “vítimas” sobre as atrocidades atribuídas a Laszlo, desconforto e angústia crescem. Por um erro, um tropeço da Promotoria o julgamento parece caminhar na direção da absolvição de Laszlo. O julgamento transfere-se para Budapeste na procura de uma prova conclusiva sobre o processo. Esta prova é encontrada, sendo Laszlo absorvido. No entanto, Anni descobre que o pai vinha sendo chantageado e resolve, por conta própria, prosseguir mais além nas investigações. E é com muita dor que neste percurso descobre provas inquestionáveis – fotos evidentes – da responsabilidade do pai pelos crimes de que fora acusado. De volta aos EUA, Anni vai ao encontro de Laszlo, mostra-lhe as provas e pede a *verdade*. Verdade esta sendo a única e última chance de relação com o pai. Laszlo nega-lhe mais uma vez a verdade, agredindo-a e alegando que a filha fora influenciada por forças políticas contrárias. Anni vai embora, dizendo ao pai que nunca mais quer vê-lo e envia as provas que possui às autoridades responsáveis. Prefere a orfandade do que a mentira e o perverso conluio. Estes, sem retorno.

Guardada as devidas proporções... O novo analista abre mão de uma pessoa “construída” segundo seus afetos e necessidades, para vê-lo num outro plano. Real, com posições, atitudes, e idéias próprias. Nem sempre previstas pelo recém formado analista. Agora, ambos exercendo a mesma função. Mas algo defende o escudo protetor do excesso de estímulos, impedindo na medida do possível um trauma, ou não (?) – o grau de veracidade existente na dupla, determinante no rompimento traumático ou não.. A verdade vinda da figura paterna, estruturante.

A instituição, posteriormente, palco dos mais variados sentimentos: amizade, competição, inveja, orgulho, ciúme, êxito etc. Afetos presentes no dia a dia dos homens. A serem eternamente elaborados. Enxergo como possibilidade para o exercício da psicanálise – a formação permanente com requisitos e trabalhos temporários, para evitar não somente a hierarquização dos membros, como também os cargos vitalícios, a contribuir para uma estatização do desenvolvimento natural dos analistas.

Enfocado na formação permanente o estudo ou escudo protetor, revitalizando a instituição. Tentando impedir os conluios perversos, marca constante a rondar a natureza humana. Cautelosa a travessia a livrar-nos da orfandade.

Ana Lia Vianna Ambrosio

# A brief survey on the difference between fantasy and imagination in the light of Bion's psychoanalytic object.

Araldo Chuster, M.D.\*

---

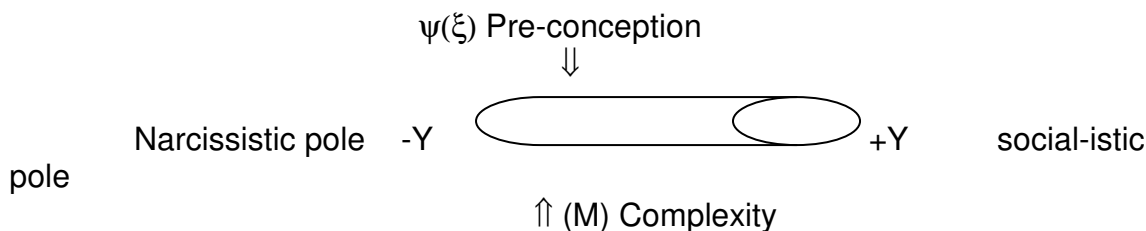
**Imagination is more important than knowledge.**

Albert Einstein

---

This text will follow some ideas contained in the concept of psychoanalytic object as W. R. Bion conceived it and initially expressed through the quasi-mathematical formula in *Learning from Experience* (1962) as  $\{\psi(\xi)(\pm Y)(M)\}$  meaning: preconception  $\psi(\xi)$  seeks a realization to create a conception in the developmental spectrum narcissism  $\Leftrightarrow$  social-ism  $(\pm Y)$  under the sponsorship of the inherent complexity  $(M)$  of a biological structure.

One can graphically represent this as:



This concept is a corollary of the propositions contained in Bion's *theory of Thinking* (1960) that had one of its turning points in 1957/1958, when in the article *On Arrogance* Bion suggested a new reading of the Oedipus complex, putting central emphasis on the problem of the discovery of truth. Owing to this emphasis Bion understood psychoanalysis as an activity sponsored by a tragic ethics: the truth is unreachable but the psychoanalyst is interested in the risks of such investigation. For that reason all we can do is to create, and the most creative aspect in human beings is their capacity to produce thoughts, something that happens all the time of a life. Therefore *a Theory of Thinking* (1960) is a natural path for someone like Bion who thought about psychoanalysis under the edge of a tragic ethics. In other words, as one can never reach the truth we have two options: we can try to imagine

---

<sup>1</sup> -Training and Supervising Analyst of Rio de Janeiro State Psychoanalytical Association (Rio-4). Teacher, Consultant and Researcher of the W.Bion Institute of Porto Alegre, Brazil. Doctor in Psychiatry and Medical Psychology.

how it would be like if we could reach it, or simply let our unconscious fantasy formulate for us how it would be like.

In this paper I will focus on these two options, trying to think about the link between fantasy and imagination, or better, on transience between fantasy and imagination, which also means a transition from functioning with memory and desire (fantasy) to the functioning without memory and desire (imagination).

My main point is to think about the origins of imagination, considering it as one of the main sources for interpreting the manifestations of the unconscious, therefore for the development of the mind. The purpose is to focus on some applications in psychoanalytical practice, which is to remind us that we should get very well acquainted with the transitive characteristic of the free-association and the interpretation through the differences between the ideas that come from fantasy activity or ideas that arise from the use of imagination. This characteristic is fundamental to the analytical process and, in my view, such wide-ranging emphasis on the latter is one of the main differences between Bion and other authors.

The psychoanalytic object is Bion's object of psychoanalysis. The object of psychoanalysis can be defined in its widest sense as the end and purpose of analysis, the final product of the theoretical model, the paradigm by which all the findings from psychoanalytical practice should be checked, as well as the developments one might need to realize in the models by means of new interpretations.

The psychoanalytic object has application in three domains where it can be felt, thus observed and interpreted: senses (body), myths (theories) and passions (feelings) - (It is a three-dimensional object, therefore always representing Oedipal configuration).

To Bion the function that the analyst needs in order to feel, observe and integrate in his interpretations those three quoted domains is the psychoanalytic function of personality, which means the analytical Oedipus, the Oedipal configuration capable of integrating the three domains. Otherwise, if there is any failure of this function, usually caused by the activity of memory and desire, the analyst will have split perceptions of the domains; therefore the interpretations can be of another kind such as:

Myths ----- → intellectualization or indoctrination  
Passions ----- → Acting-out  
Body ----- → alienation

In other words, the analyst must place himself in the session in a mental state without memory, desire and the need for comprehension, which is the mental state most able to receive the applications of the psychoanalytic object. For this he needs to rely on his psychoanalytic function of personality. That is, the abilities between

analysts vary greatly, and in each analyst from one situation to another. The psychoanalytical ability is not stable, because it depends on the interaction of the Oedipal configuration and its evolution in all kind of situations. What can improve this ability, besides a personal analysis, as complete as possible, (although one cannot, *a priori*, define what complete may be) is: 1) the capacity to reach and tolerate the point of maximum difference possible in relation to the patient, due to a mental state as free as possible of memory, desire and the need for comprehension, 2) the associative exercise with the myth of Oedipus (Chuster, 2002, 2003) to develop the intuition and the capacity to decide an adequate version (*language of achievement*, Bion, 1970) to be used in the history that unfolds in the analytical process.

In Bion the object of psychoanalysis is different from Freud, to whom the object is the superego, and also distinguished from Melanie Klein, to whom the object is the internal objects, and different from Lacan, to whom the object is the chain Real-Symbolic-Imaginary. Those theoretical differences will be briefly reviewed in this text. Shortly, each theoretical model represents the author's specific theory of unconscious.

As we know, the difference between fantasy and imagination was not a question to Freud. He talks most of the time only about *phantasie*. In his writings the concept is based on the idea of an unconscious orientated exclusively to a certain kind of psychic product: the derivatives of the drives (pulsions). The concept is completed by establishing the relationship between the unconscious and the subject as object of desire, translated by the term *Wunschphantasie*, or the fantasy of desire. We know that for Freud desire has its origin and its model in the movement of satisfaction: "*the first desire (wünschen) seems to be a hallucinatory cathexis of the satisfaction memory*". From this follows the questions of the playing of the desire, the repression, till the structural developments of the Oedipus complex, which has as its heir the superego, the final product and object of Freudian practice.

---

Melanie Klein tried to maintain herself faithful to Freud's theory. When she developed her ideas about the concreteness of psychic reality, she applied it to the superego, therefore bringing the oedipical situation to more primitive phases of development. Initially she tried to develop the maternal aspect of superego, working through the concept of the ideal of ego, but she left this aside and started explaining the internal objects (maternal and paternal), her version of the Freudian superego and, to her, the object of psychoanalysis.

---

Melanie Klein also does not deal with the problem of the difference between Fantasy and Imagination. In her writings the concept of unconscious fantasy acquired a very precise meaning as the most primitive representation of the unconscious drives. Her theory is fully centralized in the developments of projective identification, the basic unconscious fantasy and the common hallucinatory source of all phenomena and also of repetition.

---

As Freud, Melanie Klein understood dreams as symbolic productions and used them to localize and clarify the quality of the internal objects. She also made an attempt to define, in a more precise way; the transition that Karl Abraham already has named as partial objects to total objects. An attempt, which one cannot say, was successful. Nevertheless, she described the basic psychological movements: the transition between the paranoid-schizoid position to the depressive position. In doing that it seemed initially that she would coincide the positions with the partial and total objects. But this does not happen. The positions are not internal objects but functions of the mind in charge of the transience between mental states.

Lacan, even though disagreeing with all attempts to describe something as a total object, does agree with Melanie Klein about the primitiveness of Fantasy: *“One realizes that it is in the pre-genital levels that one should recognize the function of Oedipus. This is what analysis is about... accordingly, there are many Oedipal experiences in analysis. The Oedipus is the frame which rules the game...”* (Ato Psicanalítico, p. 28). The chain Symbolic-Imaginary-Real composes the psychoanalytical game of Lacan theory and he follows the subject on the path formed by this chain, from emptiness to the symbolic productions inside the symptoms, therefore, he also needed dreams in the same way as Freud and Klein.

---

Bion proceeded where Melanie Klein stopped. He investigated the maternal roots of the superego through the formation of the ideal of the ego. While trying to understand this most primitive root of all, he described the mother's reverie, a psychological mechanism originating from the capability to dream and, in a certain way, coincident with it. In a successful reverie the mother receives the projective identifications of the baby<sup>1</sup> and returns them properly. In its turn, the baby introjects those “digested” projective identifications; identifies himself with them, giving them his own personal characteristics. Later Bion named this function of alpha

---

<sup>1</sup>-Bion understands them primarily as communications of the baby's needs and not as a mechanism of defense.

function for epistemological reasons, according to the need to investigate it in other fields beyond the mother's circle.

Such theoretical development allowed Bion to use dreams in a wider approach than Freud, Klein and Lacan. To him it is not just a question of symbolic fabrication, but the dream as a link in itself as the ultimate aim of the analytical work: the function of dreams is more important than their contents, because it is the dream's function of container which organizes and creates the unconscious mental space. From this standpoint, for Bion, to think is to dream, the fundamental mechanism of the mind's work, and it is on such aspects that he concentrates his work.

Although it is implicit in the last statement, it is important to highlight that in Bion all references to "thinking" are different to the term reasoning, which is something automatic or logical. Frequently the expressions are confused. For Bion, "thinking" is the psychic movement that makes feelings and thoughts work at the same time creating the human link. It is the essential link.

The question of "creative thinking" is always related to Bion's preconception theory, first element of the psychoanalytical object. Therefore this is also a paper about the realization of the preconception mainly in the area of imagination. When does the realization start, which transforms a preconception into a conception that could be called an imaginative conjecture and not a fantasy? As we will see it is an uncertain moment, which starts in a "different environment", very primitive and under the sponsorship of complexity (one may metaphorically call it embryonic mind as Bion did).

In this paper, it is emphasized that the *modus operandi* of pre-conception in the embryonic environment (also a metaphor about the origins of intuition) is not projective identification (unconscious fantasy), but a complexity of the biological structure, which I am calling radical imagination. It is also seen that the first difficulty in working with this concept is in the word "imagination" itself, which is commonly related to images. This is elaborated imagination. I am referring to images that are not visual. They are essentially auditive, olfactive, and kinetic – they are especially related to the rhythm of the mother's heart, the rhythm of the baby's heart, the day-to-day rhythm introduced by the rhythm of the intestines, the rhythm of the

bladder, and also the oscillation of amniotic fluid expressing the day-to-day routine of the mother and, with this, society around her - the possibilities are infinite.

And when the rhythm and the oscillation appear in this “pre-subjective” world – which is like a void and formless infinite, or a compact, dense mass like a black hole, a species of explosion occurs which digs a hole, opens a space, creates a kind of a “psychic window” (which can also be compared to a cylinder or to a three-dimensional frame) whose frames are made of time. Time that begins to organize a pre-view of the world in that incipient and inaccessible world, a certain kind of preparation to receive the other world that is to come. The walls of these cylinders or the frame of these windows<sup>2</sup> prepare themselves to be saturated by the reality, which awaits them in the future world. They develop in preparation to cope with certain situations, and can develop adequately or inadequately (this last possibility can later in life appear or be developed as a pathology: for instance, migraine, autoimmune illness, rhinitis, or more brutally as autism). Bion’s model is here completely prospective and temporal. The mind of the fetus develops in the “prevision” of having to cope with certain situations that will appear in the gaseous medium, but in a certain way have already arrived as a memory of the future.

Expanding a little further and synthetically: when I speak of radical imagination this is something that comes before the distinction of an object. Radical imagination is naturally activated by olfactive impressions and the acoustical and kinesthetic rhythms. That is, there are “pre-objects” in the intra-uterine environment that are olfactory, auditive, kinetic, which are much more important than visual objects. It is a theory about the inaccessible state of mind where all the questions inherent in the creation of meaning during psychoanalytic work can be applied. It is radical (a root of all concepts) because it creates *ex nihilo*. It does not create “images” in the visual sense, but pure forms<sup>3</sup>, which can become images in the general sense (thus, for example, an acoustic image).

When we move to the elaborated stages of creative imagination, or the imagination, which the majority of people understand as being imagination *par excellence* I should give as an example the imagination of the musical composer. Mozart, for example, used to say that he composed the music in his mind and, when it was finished, he wrote it down just once, from beginning to end. Beethoven, when became totally deaf, used to imagine the music in

---

<sup>2</sup> - Such “cylinders” or “psychic windows” also constitute the framework of levels that constitute the spectrum of pre-conception realizations, which is, the levels of the spectrum narcissism↔social-ism, that is, the levels of belief, thinking, learning from experience, the creation of social-history. Therefore, having crossed the caesura of birth we have thoughts that organize themselves on the walls of these cylinders, which can have a greater or lesser diameter in accordance with the movement  $Ps \Leftrightarrow D$  facing a selected fact.

<sup>3</sup> - As those forms are created inside a twin fold system, for natural and economic reasons, they always have a three-dimensional form or triangular links.

his mind and write it down without needing to hear it. Einstein revealed that the theory of Relativity was the consequence of his musings about riding a beam of light through the universe. And if we take something wider, such as social imagination, it is not difficult to see that we are not dealing with the creation of images in society: laws, rules of behavior, and in summary, the mind itself, is not visible, audible, etc. There is nothing sensory in these objects. But there was an original moment when those ideas were felt in another way.

We can follow how those ideas have their evolution in Bion's model of the mind since his earliest papers on group dynamics in the late 40's, when he describes a protomental system. In the 60's appears the theory of thinking where the preconception plays a major role in the creation of thoughts. The "pre" emphasizes an inaccessible source of tension for the preconception. In the 70's Bion speaks about the embryonic mind in almost every article and distinguishes three mental states: inaccessible, unconscious, conscious.

At first sight, such distinction causes perplexity, and even confusion, until we understand that Bion is reserving the term "unconscious" only to Freud's descriptions, and suggests, with the term "inaccessible" that the human unconscious goes beyond what had been described up to then. In other words, the so called Freudian unconscious is part of something wider, and will always be wider for a fundamental reason: it is always in expansion. In this way its "appearance" is always creative, which means that it does not repeat itself; there is a temporal difference and a difference in identity in each conception. An amount of uncertainty and instability is always present because such model conveys a spectrum of possibilities of meanings, changing constantly.

In practical terms, those ideas brought a change in the way of interpreting, that is, interpretations turn out to be more descriptive of what is happening, making questions to provoke thinking instead of pointing out meanings in order to organize vision within disorder. It is thinking that conducts the psychoanalytical process, being able to give an alternative to what was seen, to see another vertex that cannot be seen.

In a general way, the common function of interpreting, that is, the effect of offering a description that might create a meaning, which enlightens something that was enigmatic it is not taken as something that always modify what is initially seen – it is long before the interpreter, which modifies the observed object with his presence – but, to the extent that it indicates a certain way of seeing, the interpretation, if it is accepted, can modify the organization of vision and in sequence the individual or the group. Fundamental to this

process is the selected fact for interpretation, as the vision established depends on this. The selected fact is chosen by the psychoanalytic function of the personality, which means that it is being selected by the oedipical configuration of the analyst. Every analyst will have “predilections” for certain vertices, or for certain vertices common to a group, or to a “psychoanalytic society”.

However, whatever the interpretation produced, for both the analyst and the patient, it comes too late in relation to the expansion of the unconscious. We are always behind the expansion. Even if the interpretation supplies a new form, an uncertainty remains, for the unconscious is expanding beyond us.

The following quotation from Bion (1975) is appropriate here:

*“The Likelihood of meeting old friends in Hell makes the prospect less frightening than the prospect of Heaven, for which life on Earth does not prepare us adequately. But this also applies to decisions that are taken repeatedly. One may deplore an unhappy decision; how terrible it would be if we had never taken unhappy decisions or made unhappy interpretations! In analysis, we have to become accustomed to coping with the recuperation of an unhappy decision and with the use of the wrong decision. In the light of these observations, don't even think about a cure”.*

So, what can we interpret?

At this point I will quote the following excerpt from the story “*The Crimes of Morgue Street*” by Edgar Allan Poe: “*The analytical power must not be confused with a simple ability, for while the analyst is necessarily ingenious, the ingenious man is, not rarely, notably incapable of analyzing.... Between ingenuity and analytical capacity there is a difference of character analogous to that between fantasy and imagination. It is verifiable that, in fact, the ingenious man is always fanciful, whilst the really imaginative man never ceases to be analytical*”.

If we only use reasoning, it would be inappropriate to regard as an authority in the matter the famous writer of stories of fear and terror, who died in 1849, without ever hearing anything about psychoanalysis, a term used for the first time by Freud in 1896. But if we

follow what thinking tells us, we see that fear and terror (caused by fantasies, apparitions, spirits from another world, etc.) have everything to do with the unconscious and, in order to show that this perception is not simply the privilege of psychoanalysts, I will quote from an interview given to the press by Freud in 1926:

*“(Psychoanalysis) also received much from literature and philosophy. Nietzsche was one of the first psychoanalysts. It is surprising how far his intuition foresaw the new discoveries. Nobody perceived the dual motives of human conduct more profoundly, and the influence of the principle of pleasure in predominating indefinitely. Zarathustra says: Pain cries: Go away! But pleasure wants pure eternity, eternity indefinitely”.*

The psychoanalyst is a participant in the process of helping the analysand to create a new history, for that he has to practice his intuition and his imaginative conjectures. Freud distinguished a “proto-analyst” in the intuition of Nietzsche. Bion emphasized intuition, in a general way, as the “proto-analyst” of all psychoanalysts. This intuition will seek a concept that becomes operational<sup>4</sup> through the use of rational and imaginative conjectures.

For example, when we are listening to a certain type of seriously disturbed patient, we become enveloped by a kind of thick and obscure mist that makes our field darken, some objects are only vaguely perceived, and others appear to have no connection with each other. John Milton, writer and poet, called this “*oedipical gloom*”. We are dealing with a situation in which every question turns back on itself: What is happening with the patient? Is it the same as is happening to the analyst? We hope that the analyst, at least, manages to see the situation and to tolerate it, and can establish a good description of the unconscious if he is able to capture what the patient rhythms are trying to transmit. The description given by Lacan of this aspect is emblematic:

*“When I prepared this little talk to you, it was very early in the morning. I could see Baltimore through the window and it was a very interesting moment because it was quite daylight and a neon sign indicated to me every minute the change of time, and naturally there was heavy traffic, and I remarked to myself that exactly all that I could see, except for some trees in the distance, was the result of thoughts, actively thinking thoughts, where the function played by the subjects was not completely obvious. In any case the so-called Dasein, as a definition of*

---

<sup>4</sup> Kant's quotation: “Intuition without concept is blind, a concept without intuition is empty”.

*the subject, was there in this rather intermittent and fading spectator. The best image to sum up the unconscious is Baltimore in the early morning”.*

In psychoanalytic communication, Unconscious to Unconscious, we could suddenly be faced with something like of a black hole, and sometimes we cannot find the actual “unconscious”, but a “conscious” that is unable to operate. As we are both humans, something makes us suppose that in consequence of such a thing a disaster could occur. It is here that the analyst can surprise himself making imaginative conjectures instead of using memories, desires or the need to comprehension. Should the rising conjectures surprise him or should he feel constrained by them? Or should he take the risk and go further, it doesn't matter how “strange” or “dislocated” it may be - what is important is to let them flow for some time, feel their transitive characteristics until it is possible to analyze the meaning<sup>52</sup>. That must happens spontaneously.

Before I proceed with some clinical material in order to illustrate the previous ideas I will summarize the differences I intend to emphasize: Fantasy occurs in simple involvement with fact, or when the analyst is only involved with or by the fact, often without realizing it. When this occurs he is involved by memory, desire or the need for knowledge. Imagination is the reaction to fact, on the part of the analyst who refuses to get involved with the fact apart from observation of it, and not less than it is. This is working without memory and desire. In other words, fantasy arises in the analyst when he identifies with the analytical object without observing it. In this way, fantasy is based on a passive emotional attitude in which the analyst “repeats” previous experiences, the patient representing the analyst's internal objects.

They are neurotic remnants of conflicts conveyed by the patient.

In imagination there is autonomy in relation to his own conflicts that corresponds to a large degree, or exclusively, to reaction to the intensity and quality of the patient's projective identification. In this case, the emphasis is placed on the patient and not on the analyst.

Fantasy is reaction to the patient; imagination is action regarding the material of the patient. Therefore, fantasy produces just thoughts while imagination is the path to thinking all kinds of thoughts no matter how wild they are.

For Lacan, fantasy is the way by which the relationship between desire and object is effected and, more exactly, the place where the object is constituted. Fantasy sustains desire and

---

<sup>2</sup> - “speculative imagination, however ridiculous, neurotic, or psychotic, can be a step on the path to what in the end will be seen as scientific, psychoanalytical formulations”. (Bion, W.R. Taming Wild Thoughts, 1997)

offers to it some objects. But that is not what it maintains, because it erects a wall between the subject and the threat of what is real, the rhythmic throbbing of death.

For Bion, fantasy is the natural consequence of a repetition, which doesn't offer much of a new chance. Imagination is that what allows this new chance, therefore, a non-repetition. In imagination there is an offer of new objects, which means that a new level can be reached within the spectrum narcissism↔social-ism, for which the subject has to organize himself in a new way.

### ***Some Clinical material***

This patient whom I shall name Simon, 55 years old, a physician, phoned me asking for a first consultation. He left a message on my answering machine saying that I was well recommended by his daughter's psychoanalyst (who happens to be a member of one of my study groups on Bion's ideas).

But this was not my first association. What came to my mind was the fact that I had known him since adolescence and had met him on many occasions, so I thought that he might be making some kind of mistake in seeking a consultation with me. I found myself immediately invaded by many memories, because we both used to go to the same places during summer holidays on the late 60's. In fact, he went often to my cousin's house in a small town in the mountains near Rio, a place where I was a guest and where many teenagers used to gather before going out together. It came to my mind that in a way I used to admire him because he was the only guy at that time that seemed to be mature enough to have what seemed to be a serious relationship with a very nice girlfriend. Later, once in a while I heard about him, because he also entered Medical School, but not the same School I was in. We graduated in the same year, and have shared many common friends and colleagues since then. I also met him three or four times at the house of a cousin of my wife at children's birthday parties. And I remember talking with him in a group on such occasions. He was invited to those parties because he was a neighbor and apparently a friend of my wife's cousin and he seemed to me very socialized and kind.

When I called him back I was still thinking that he was making some kind of mistake, therefore I decided to mention to him that he might have forgotten that we had known each other for a long time, in case that could bother him in some way. He seemed really surprised when I told him this and he asked me if we had known each other from the Gym? At first, memory and desire kept pushing me in order to clarify our previous connection since adolescence, but I decided not to do it and wait to see what would happen. This could be considered an attempt or an example of a reaction against memory and desires, although it does not exclude what one may call scientific curiosity.

He came to my office with no apparent signs of anxiety or any signs of recognizing me from somewhere else. I tried to listen to his story.

He told me that he had been in analysis with Dr.J, from 17 to 28 years of age because of a *depressive character*. He stopped this analysis because he got married, but six month after, he started analysis with Dr.V remaining for 10 years. Then he stopped this analysis. Two years later, because of the same complaints by his wife about his cold and distant behavior at home, he experienced for six months a behavior-cognitive therapy with a psychologist. At this moment of his speech he said: *...and I must tell you right now, dude: I left all those three therapies exactly the same, with no changes at all.*

What came to my mind was an obvious question: Why a person who has all this time in analysis with no results at all should be here talking to an analyst? What I can call as being my imagination answered me: All this is a tale told by an idiot, full of sound and fury, signifying nothing...and I added...to another idiot.

Why should I have to be an idiot or should Simon be an idiot? My reaction was: sound is sound, but in my situation it is obvious that I was evaluating it as a noise. Could Shakespeare, from whom I took that quotation, help my imagination to work this out? What kind of play is taking place in my office? Macbeth? Of course I was feeling very uncomfortable with Simon's report.

At that moment, maybe my prejudice in favor of psychoanalysis made me tell him something that can be considered an awfully inadequate interpretation. But I learned with Bion not to bother about that because one never gives any other kind. I considered before saying what I said, as a matter of rational conjecture, that most people become used to the idea that someone will "cure" them. But doctors at least should know it is a mythology. Nevertheless, something is making this patient who happens to be a doctor, think that perhaps he can hope that a new psychoanalysis will solve the problems which have never been solved by others, and which he has had to keep within himself. At the same time he doesn't want to be disillusioned again, although I can imagine that he is used to being disillusioned with psychoanalysis – and he doesn't even want to believe that psychoanalysis might help. What are his beliefs?

I suggested to him that we might consider the fact that he had never told anything to his previous analysts. So, what he had been doing so far could be just a waste of time. Similarly, I could not find any evidence that this was not happening again with me.

He evidently seemed to be very angry about my interpretation. So, in order to prove I was wrong, he talked about some benefit his previous analysis could have had, because in one way or another it helped him keep his marriage. His ex-wife had always complained about him as being a secluded and bitter personality. That complaint which started before marriage, increased after the honeymoon. She became progressively depressed and, after the birth of the first daughter, also went through analysis. He told me that she was hoping that while in analysis he might be "cured". But all that happened was that analysis helped her in being a successful doctor. As I knew this from hearsay of many common colleagues, I once

more found myself fighting against memories until the moment that my imagination started working and brought about some typically surprising and dream-like vague images with associations: many years ago, I met Simon's first girlfriend while she was a resident in psychiatry at the University Hospital. I was a supervisor in psychotherapy as a part of my master's degree in Psychiatry. Although we had never been introduced to each other in the past, she instantly remembered me from my cousin's house and we had a brief conversation about it. When I mentioned her relationship with Simon, she told me that it was a big relief to get rid of him...."*I blossomed after breaking it up, now I am happy...he made me feel ill*". On that occasion I thought that maybe this was just an ex-girlfriend talking. But at that moment with Simon I realized that those ideas were coming to my mind for a different reason. This is a man who can't get married to psychoanalysis or psychoanalysts. He pretends to be devoted and capable of marriage and wants to give such impression to a psychoanalyst. I formulated a question to myself: could those women be a symbolic reference of Simon's unconscious? Were those women containers of what he could not contain? At this point my inquiries met with what can be called evidence for my hypothesis. Simon started talking about his ex-wife again and told me that the real reason he was with me at that moment was the fact that not only his wife but also their two daughters said they were greatly relieved when he left the home. His wife told him that she was dying while living with him but after he left she blossomed. He also had to leave the office he used to share with her. Then he tried to explain to me that he did not really like being a doctor like his father, a very well known physician. He was doing a bureaucratic job, as far as he understood it, although his office always had a full schedule. But that didn't matter as much as the fact that his wife was reborn after divorcing him and one of the daughters was cured of her asthma. *Why is that so?* He made this question much as a kind of complaint to life and told me: *I don't mean to be a Hardy Har Har<sup>6</sup>, but I tried to do everything they want me to do. I have always been a good husband and father; I have never been interested in going out or doing things outside the family's interest. I sold the only thing I really like in my life in the name of such interest: a small farm where I used to grow orchids...*

It came to my mind that the association hyena-orchid could be the key to what I can imagine is Simon's resentments against his ex-wife; therefore I could think he was at a kind of turning point between either revenge or forgiveness. This is a kind of imagination on a

---

<sup>6</sup> -Hanna Barberas' cartoon character: a Hyena, which was always complaining.

different level to the first associations; it is much more like an interpretation waiting for evidence. Then Simon told me: *I was 10 yrs old when I grew my first orchid. I crushed my father's Cuban cigars to feed the soil and it worked nicely. But my father was really upset with me. He told me that I was on the way to becoming a useless guy...* and he looked at me very seriously and said: *and don't tell me those cigars were my father's penises because I am sick and tired of hearing that nonsense for many years.*

Again, Simon was telling me how exasperating it was to hear about his inner child, but what came to my imagination was a general idea of a predator, because in a way, both species, the orchids and the hyenas, are predators. It is also remarkable that *orkhis* in Latin means testicle, and the flowers are bisexual. I had also said to myself that orchids are parasitic plants<sup>7</sup>. So it came to my imagination to say a very hard thing, at least at that moment. I thought that I might be facing a potential serial killer and this was why people felt so bad while living next to him. The resistance I felt to say that gave me an indication that this was the thing I should say, and I did it. I noticed he became very pale with my interpretation and became silent for some time. Then he said that he had never thought about that before. And I added: you never thought that this could be thought before you thought of it first? Should I take your phrase as an expression of regret for coming here? He replied instantly: *I don't get it. I don't get your points here. I may think about everything you told me.* I told him that he could give himself some time to think on everything we had spoken about and, if he wanted to talk to me again, I would agree. When he left I had the feeling that he would never return again, but that could be a desire not to see him in analysis.

After 5 months he phoned me asking for a new consultation. He came and told me that he was now informed that we had met many times before, but he was sorry to say again that he had never seen me before. But *I should not feel badly because of that because he didn't remember his patients either.* He always had to consult the files before consulting a patient and it didn't matter if he had seen the patient just a week before.

Should I not feel bad? How should I proceed? Should he tell me how do I have to proceed or should I be free as possible to have my own judgment? As long as he compared me with his patients did that mean I could be telling about myself more than about him? I call this the undecidable principle of observation; a point where you cannot say what is from the patient or from the analyst, because "O" is there.

He is a smart predator of psychoanalysts and his following report was what could be considered an attempt to satisfy the analyst's need for comprehension, or an attempt to bring

---

<sup>7</sup> -But this is not correct. They just use other plants as a support without taking out anything.

the analyst inside his hunting territory. He told me a story about a girl friend he met three months ago. After dating her for some weeks, she became very frightened about him and she broke up the relationship. She said that he is a straight nice guy, but she felt sad at his side because he has a black cloud over him. As this story confirmed my terrible interpretation about him he decided to come back to see me. *It was a logical thing to do*, he said.

It sounds as if the important thing here is the threat of violence; it becomes dangerous to live with him. But this is already known. So I had to move from my vertex and to stay in an empty point until I could describe his love for rationality in the same way someone could love his religion. I could imagine that one can not get along well if there is a belief that first, order must come, second, as a consequence of order, growth came naturally, then he could decide to love someone as if it was a matter of a conscious alternative. That description made him very angry again and he made a reply, which a psychoanalyst could consider very significant because he compared me with his deceased mother. I am not sure if with the mother or just with the deceased object, but I took it as an authorization to analyze him, as he was recognizing that before him came another generation, a very important link for emotions.

Simon brought back the talk about Hardy, the hyena of the cartoon, which happens to have a black cloud over its head, and he tried to make a joke; he said that like one of these animals he was in a position of attacking only weak prey, and still laughing even though eating shit and having sex relations only once a year. Should I be the weak prey while he is "preying" in my office?

I said he was reporting to me his refusal to occupy a place in analysis, in the same way he refused to occupy the masculine role in the relationship with women. He resigns the male role, with a sacrifice of his qualities, to act as if he was at the side of women. He became silent for some moments then he associated with the part in Homer's *Odyssey* where Ulysses is hiding between the mermaids...I made him notice that the mermaids are characters without sex, with a fish tail covering the lower part of the body, but for a man that means no testicle, no orchids, an useless hard-y on...but a lot of seduction.

My interpretation tried to bring about his refusal to listen to the bisexual voice coming from the orchids. Is it possible to speak of someone having an orchid as his god? With such refusal he resigned to real existence as a person. The voice is also deeply predatory and full of derision but it is also creative. I could observe how he expresses himself with emotions every time he is listening to such voice. What kind of creation could it be? I don't know, but it cannot do any harm while it could be worked through. I think the trouble is that as soon as he wants the feminine role, he becomes afraid of it and wants the masculine role; when he has the masculine role, he is afraid of that and wants the feminine role – and this goes on and on. In short, he wants some assistance from the analyst, but doesn't know how to get it, because he thinks he knows everything about analysis and because he is afraid of me, whatever I am. In so far as he mentions I look like his mother, there is the fear of needing to have a relationship with me, or with the mother's breast. But then he is anxious about the intercourse; the breast would penetrate his mouth.

As psychoanalysts we need to have courage to deal with questions about intimacy if we really mean to properly answer to the suffering of the people who seek for our professional help.

The serial killer's interpretation is a kind of *Language of Achievement* (Bion, 1970) that allowed Simon to keep contact with the many symbolic murders he perpetrated in his life without knowing it. Such interpretation was at the same time unbelievable and efficient, because each one of us authorizes our own existence to the fact that there was a dead father in the previous generation who was devoted to a dead

mother. Both are ghosts demanding gratitude, but if one has a lot of envy in the realization it is impossible to make an adequate conception for gratitude.

Preconceptions will always find the inadequate realization to make a conception if they are under the edge of envy or greed.

In a somewhat technical way one could say that when the baby is born it kills off the father and takes possession of the mother's breast, which is the father's property. Those feelings are ordinarily made more bearable if the father and mother are happily married and the atmosphere in the family is flatly contradictory to this frightful story. But suppose there are no reassuring father and mother, but a distant father, busy with his work, and a mother who is unhappy and in bad humor for having a baby taking her away from another activities. The only chance Simon has now is to see something different to this unfortunate picture of the world, and he can have it only if he can face his inner world, however terrifying and however intolerable.

Another way to say this I found in Roger Money-Kyrle's theory of the three unavoidable truths which Simon must face: we are alive because there must be a good breast in the past, we are living in the present because a father and a mother engaged in some creative sex relations, and everybody is going to die in the future.

### **Some transient conclusions**

In this paper I tried to expand what I think Bion's theory of preconception is. To me it contains the idea of a creative essence of the human mind. I called this essence radical imagination, borrowing the term from the philosophical work of Cornelius Castoriadis. It is radical because it is the root of a basic flow that later, after birth, became an unceasing stream of images, memories, desires, fears, mental states, from where all things come. One cannot do anything to oppose it; "something" will always be created.

Sometimes one can understand a meaning in this flow but most of the time one cannot. There is no logical thinking, except occasionally. The elements are not connected to each other by logic, as our rational thinking would like, links are just a psycho-logical need, trying to deal with a kind of almost chaotic state – therefore, a state of creation.

In a clinical case like Simon's one can discuss how to work through the almost chaotic state. In order to do this it is necessary to work in a mental state without memories, desires and the need for comprehension. Sometimes we can do something for the patient because our common imagination is able to contain elements of our radical imagination. Only imagination can create a new form of communication with such a patient, who happens to be one of those people whose words one can never believe. This is not because they are liars, but because they hide all the time and while doing this they become a self-deceiving person.

The psychoanalytical work I am trying to perform with Simon is still very tough because it means defiance against all aspects of his personality and character. From the operational point of view of transference I am conducting an investigation about the reliability of his mental functions. In doing this I discovered his low capacity to observe and to pay attention to humans, his incapacity to think and to have feelings, and finally his incapacity for love and sexual love. In this process an intense femininity came out, an underlying homosexuality and his incapacity to love a woman. I could not have discovered this if I had insisted on seeing him as a known person, who had occasionally taken part in my personal life - that was just my fantasy.

I tried and I am still trying to face those discoveries as facts originated in some point of the development. I think that something happened before adolescence, maybe in latency that created a stereotype on which his social behavior was based. Since latency, a period of life

when he didn't really know what he would like to be, everybody expected him to be a great doctor like his father. After that he managed to be socially successful just because he seems to be like his father. But being alike is very unsatisfactory. Simon told me that he used to have a wish to give up medicine and become a botanist, but couldn't defy his father, or at least what he thought his father would feel and think about it: infuriated and frustrated, *maybe that would kill him*. He became a kind of servant of his father, someone who attended the father's desires with the sacrifice of his own life.

He used to describe his father as a cruel and superficial man, ruled by fashion, and his mother as someone who was never capable of being sincere. This description was at first moment a shock to me and I fought against my memories, because I had my own thoughts (my fantasy), based on external experience and hearsay that his father was a brilliant doctor and a warm person and his mother was also a very nice person.

It is very hard for any psychoanalyst to deal with a patient who puts you under the shadow of an insidious and constant disdain. But we can understand it as a symptom of a major disorder of thinking, and see how he will do everything to make it very difficult to think clearly near him.

I think that one of the things that mainly intrigued Simon when he came to see me was that he could not understand my "psychoanalytical method" because it did not coincide with any of his beliefs about psychoanalysis. He could not discover what was going on and became really confused with his beliefs about psychoanalysis. From this point of view every analysis brings with it two important questions: when to begin analysis and how to stabilize it?

Anyone with intelligence and reasonable culture has ideas or beliefs about the psychoanalytical method, but those ideas can produce in the first days, weeks, months and even years a false transference. It is a kind of system that must be dismantled in order to work with the real transference. If we manage to effect this deconstruction then we may see a change from well-established prejudices to preconceptions seeking new realizations.

Simon is a kind of a patient whose emotional life is imprisoned. His personality was constructed in the expectation of fulfilling others' expectations and to be just like his father. Both of his parents seemed to support this fantasy and so the culture around him. As a consequence he became immature, a kind of an 8-year-old boy acting as if he was an adult.

In this situation it is required to use our imagination about children's behavior. It may help a lot if we have a real experience as fathers or mothers, because that can make it easier to have a negative capability – the expression that Bion borrowed from Keats, when the poet was trying to explain to his brother why Shakespeare was so capable of writing about human characters: a capacity to tolerate mysteries, half-truths and uncertainties without an irritating search for fact and reason.

## REFERENCES

- 1) Bion, W.R. (1958) *On Arrogance* In *Second Thoughts*, London, Heinemann, 1967, p.86-92
- 2) \_\_\_\_\_ (1960) *A Theory of Thinking* In *Second Thoughts*, London, Heinemann, 1967,p.110-119.
- 3) \_\_\_\_\_(1962) *Learning from Experience*, London, Heinemann.
- 4) \_\_\_\_\_(1963) *Elements of Psychoanalysis*, London, Heinemann.
- 5) \_\_\_\_\_(1965) *Transformations: Change from Learning to Growth*, London, Heinemann.
- 6) \_\_\_\_\_(1967) *Notes on Memory and Desire*, *Psychoanal.Forum*2: 271-280
- 7) \_\_\_\_\_(1970) *Attention and Interpretation*, London, Tavistock.
- 8) \_\_\_\_\_(1971) *Two papers: The Grid and Caesura*, Imago, Rio de Janeiro.
- 9) \_\_\_\_\_(1973) *Bion's Brazilian Lectures*, Imago, Rio de Janeiro.
- 10) \_\_\_\_\_(1975) *A Memoir of the Future-Book1-Imago*, Rio de Janeiro.
- 11) \_\_\_\_\_(1987) *Clinical Seminars and Four Papers*, Abington, Fleetwood Press.
- 12) \_\_\_\_\_(1992) *Cogitations*, Karnac Books, London.
- 13) \_\_\_\_\_(1997) *Taming Wild Thoughts*, Karnac Books, London.
- 14) Chuster, A (1989) *Um Resgate da Originalidade*, Degrau, Rio de Janeiro.
- 15) \_\_\_\_\_(1996) *Diálogos Psicanalíticos sobre W.R.Bion*, TipoeGrafia, Rio de Janeiro.
- 16) \_\_\_\_\_(1998) Bion cria de fato uma nova psicanálise? *RevSPPA*,vol V.-3
- 17) \_\_\_\_\_(1999) *W.R.Bion-Novas Leituras*, vol.I, Co. De Freud, Rio de Janeiro.
- 18) \_\_\_\_\_(2002) *An Oedipal Grid*, paper presented at the International Conference on the work of W.R.Bion, Los Angeles, California.
- 19) \_\_\_\_\_(2003) *W.R.Bion-Novas Leituras*, vol.II, Co.De Freud, Rio de Janeiro.
- 20) \_\_\_\_\_(2004) *Intimacy and development*, paper presented at the International Conference on the work of W.R.Bion, Sao Paulo,
- 21) Freud, S.(1926) Interview to The Press, George Viereck.
- 22) Lacan, J. (1994) *Le Seminaire, livre IV, La relation d'object*, Seuil, Paris.
- 23) Meltzer, D.(1997) *Meltzer in São Paulo*, casa do psicólogo, São Paulo.
- 24) Poe, E. (1892) *Histórias de Terror*, Clube do Livro, Rio de Janeiro, 1972.

**UM HERÓI E UM ANTI-HERÓI :**  
**DOIS PERSONAGENS DE OUTRO MUNDO E SEUS LANCES NO JOGO**  
**DE VIDA E DE MORTE \***

Ruth Rissin

*À lembrança de meu pai , judeu, imigrante russo,  
que me ensinou a amar os livros e o Brasil*

O livro *A Majestade do Xingu*, do escritor e médico Moacyr Scliar conta a história de Noel Nutels, médico sanitaria que veio criança para o Brasil em 1921. E, num procedimento especialmente legítimo da criação literária, conta também a história de um outro personagem, este fictício, que, sendo colocado no lugar do narrador, também relata fatos de sua vida, contrapondo as duas trajetórias. Assim, são descritas duas histórias, a de Noel Nutels, judeu e imigrante russo, um homem “corajoso”(SCLIAR, 1997,p. 9; daqui em diante as citações dessa obra figurarão apenas com o número da página), que se tornou o “médico dos índios” (*idem*) e a do narrador, que se define como “um homem insignificante” (*idem*), que em nenhum ponto do livro é nomeado, também judeu e imigrante russo, que teria vindo para o Brasil no mesmo navio que Noel Nutels e durante toda a sua vida acompanhou a certa distância a vida heróica do antigo companheiro de viagem.

A história começa pelo fim. O narrador está lutando para sobreviver a um enfarte numa UTI, de onde começa seu relato contando, para o médico que o acompanha, um episódio também dos últimos momentos de vida de Noel Nutels: ele está num hospital, morrendo de câncer, no Rio de Janeiro, época da ditadura. Alguns generais vão a seu quarto visitá-lo e, surpreendendo todos, Noel desperta de seu estado letárgico para fazer uma piada criticando os militares. Este será o tom de todo o livro, uma alternância de humor e descrição da realidade dura. O narrador explica: essa história “é triste, mas é engraçada.(...) Como tudo”(p. 7).

É com humor que Moacyr Scliar vai contar as duas histórias. Elas seguem um curso peculiar. Começam paralelas, têm como ponto de contato a viagem da Rússia para o Brasil e adiante se bifurcam novamente, desenhando um movimento de encontro e desencontro entre os personagens.

---

\* Este artigo foi publicado na Revista Trieb , vol.I , no.1 e 2 , mar/set 2002.

## O herói e o anti-herói

Os primeiros relatos referem-se a fatos bem tristes, a situação dos judeus na Rússia do início do século XX, a pobreza, os pogroms nos *shtetls* – pequenas aldeias onde moravam os judeus na Europa Oriental - até a vinda de cada uma das duas famílias para o Brasil.

Noel chega para o narrador anônimo como um raio de luz em meio à escuridão de seus medos, medo da tuberculose, medo do fantasma do irmão morto, pânico de subir ao navio que traria para o Brasil ele e sua família. É nesse momento que Noel surge , fazendo desaparecer o medo, fazendo-o rir.

Que noite, aquela, doutor. Debaixo de chuva caminhávamos (...) Quando chegamos perto do velho cargueiro, o terror se apossou de mim. Eu não queria subir a bordo, tinha medo do mar, do navio. Meu pai me agarrou,(...) eu resistia, não quero, não vou, tenho medo. Uma mulher me viu, apiedou-se de mim : vem conhecer o meu filho. E lá estava, o Noel, um garoto bonito, risonho, de olhos muito grandes e buliçosos. Desceu correndo, agarrou-me pelo braço : não tenha medo, a viagem vai ser boa (...) Parei de chorar e deixei-me conduzir, rindo de suas piadas, de seus trejeitos . (p.35-6)

Noel é descrito como alguém cheio de vida, alguém que ria muito , que se deliciava de rir (p. 37). A vida lhe parecia sempre uma incessante fonte de prazer tornando-o curioso : em pouco tempo , já “conhecia todo o navio”(p. 36). Durante a viagem, o narrador cola-se a Noel que torna-se seu líder e o conduz a todos os lugares .

As péssimas acomodações, as precárias condições de higiene tornavam os dias daquela viagem difíceis de suportar. Mas para Noel não era assim, ele “era a alegria do navio. Noel contava histórias, Noel imitava pessoas, Noel sabia cantar(...) Graças a Noel a viagem se tornava, se não agradável, pelo menos tolerável”(p.46).

Noel encarna no texto várias características da *pulsão de vida*. É ele o personagem que traz a alegria, a vitalidade, o riso. É o personagem da ligação, do encontro, querendo tomar contato com todos, iguais e diferentes. E da esperança : “você gostará do Brasil, é um lugar maravilhoso, lá o sol brilha o tempo todo, as pessoas são alegres, não falta comida” (p.36).

Sua curiosidade faz com que não exista para ele o medo, a desconfiança. “Noel estava sempre interessado em tudo” , diz o narrador (p. 37). E ia ao encontro de tudo. Chegando em Recife, assim que o navio atraca no cais , ele se afasta de onde todos estão, sua mãe, seu amigo. Só vão encontrá-lo quando já está bem longe, “conversando com uns mulatinhos” (p.52). O fascínio pelo diferente , a curiosidade pelo desconhecido faz deixar para trás amigo, família, o *shtetl*, a Rússia. Tudo isso já era “passado. O presente estava ali, os garotos, o céu muito azul, as casas de cores vivas... os góim”(p. 53). Este tipo de acontecimento vai repetir-se muitas vezes . Bem adiante, quando vai trabalhar com os índios, integra-se a eles com facilidade : “Já se sente à vontade na aldeia, o Noel, como se os índios fossem gente sua” (p.113).

Diferentemente do que ocorre com Noel, o narrador anônimo não consegue misturar-se tão facilmente com os brasileiros. Para ele, não é fácil deixar a Rússia e o passado para trás. Esse passado reaparece sob a forma de sonhos repetitivos : “O senhor sabe que até hoje sonho com a Rússia? Pois sonho, sim. A Rússia, doutor... A Rússia a gente não esquece” (p. 11). A Rússia, onde “a morte era uma lembrança constante em nossa

existência. Quando não era a doença, a tuberculose, era o pogrom”(p.15). São sonhos povoados de seres espectrais: “ninguém fabricava pesadelos com a facilidade que eu fazia”; coleção de impressões antigas, dolorosas, reproduzidas e lembradas através desse tipo de sonhos que Freud considera provocados pelas “misteriosas tendências masoquistas do ego”, como afirma ao expor os argumentos que demonstram a existência da pulsão de morte. (Freud, p. 25).

Na verdade, o personagem do narrador anônimo apresenta-se como contraponto ao personagem de Noel Nutels : “ele era a luz e eu a sombra. Noel era o sol, nascendo ao Leste e marchando para o Oeste, marchando impávido, glorioso. Eu, o que era eu? Um modesto e desconhecido planeta gravitando em sua órbita” (p.106).

Nesse jogo de contrastes, enquanto Noel concentra características da pulsão de vida, esse homem que sequer tem um nome, tem que se debater diante de forças provenientes de diversos vetores pulsionais, forças que o levam para diante, para a luta, para o encontro, para a vida e, de outro lado, forças que o contêm, sendo alguns de seus resultados a escuridão, o imobilismo, o retraimento.

Para o narrador anônimo não é tão fácil defrontar-se com o desconhecido como é para Noel; não lhe é fácil se aproximar dos outros, dos diferentes. Enquanto a curiosidade atira Noel na direção dos garotos do cais em Recife, de universitários que serão posteriormente notáveis intelectuais brasileiros, e mais tarde vai levar Noel para perto dos índios, o narrador leva uma vida limitada, restrita. Não consegue se afastar do passado, da Rússia, não consegue se afastar do *shtetl* e acaba fazendo do bairro onde mora uma espécie de *shtetl* paulista. Tem medo dos “goim”, “sempre uma incógnita” (p.53): “Quando o góí estendia a mãozorra em direção à nossa cabeça – era para nos acariciar ou para nos golpear? Quando o góí mostrava os dentes – estava sorrindo ou querendo nos devorar?” (*idem*).

Após a chegada ao Brasil os caminhos dos dois personagens se separam. Noel fica com sua família numa cidade do interior de Alagoas enquanto o narrador vai para São Paulo. As injunções da vida – acidente e morte prematura do pai – obrigam esse homem anônimo a abandonar o sonho de estudar Medicina, tornando-se o responsável pelo sustento da família. Vai trabalhar numa loja, no Bom Retiro, um bairro onde mora a grande maioria dos judeus que vieram para São Paulo. É lá que ele vai levar uma vida rotineira, dia após dia, sem que quase nada aconteça, ficando ele, ali, paralisado atrás de um balcão. Imobilizado.

Enquanto isso, “Noel não parava quieto”(p. 101). Sentado atrás do balcão da loja, o narrador acompanha a vida agitada de Noel, Noel estudando Medicina, a vinda da família para Recife, a vida alegre e agitada na pensão de sua mãe onde moravam tantos brilhantes futuros intelectuais, Noel médico, indo para o interior do Brasil trabalhar com os índios. Sua imobilidade contrasta com toda a movimentação da vida de Noel: “Nossos caminhos se haviam mesmo separado; ele agora estava no meio do mato, eu na loja. Eu sentado, imóvel. Lendo, imóvel; ou – imóvel - olhando para a porta. Às vezes pensando, imóvel. Às vezes, imóvel, lembrando o passado.” (p. 101)

A imobilidade é o resultado de uma impossibilidade : “Eu, o covarde, imóvel. Noel, o corajoso, em movimento” (*idem*).

O movimento realizado por Noel, por sua vez, é o resultado de uma disponibilidade para a transformação, para deixar-se influenciar pelo novo, deixar para trás o que passou, identificar-se e encantar –se com o diferente : “(Noel) ia avançando, embrenhando-se mato adentro, cada vez mais dentro do Brasil, cada vez mais brasileiro, brasileiro como a paca, brasileiro como a onça, brasileiro como o saci” (*idem*). O tempo é capaz de transformá-lo,

em contraste com o narrador que se descreve “encerrado na cápsula do tempo”(p. 108) e, na verdade, também do espaço. O tempo da infância, o aprisionamento ao irmão morto, o espaço do *sthetl*.

*Contraste ou complementaridade? Quem é esse narrador anônimo? Por que ele é colocado lado a lado com Noel, como uma sombra, por que se faz necessária sua presença no texto senão para a criação de uma descrição da realidade mais completa? Quem é esse homem que vive ao lado de um Noel Nutels, que vive ali, do outro lado da rua, que pode ser um tio, um conhecido da família, ou até mesmo o pai? Que não realiza lutas tão claramente heróicas mas que enfrenta condições de vida adversas e guerreia com seus fantasmas pessoais? A co-presença desses dois personagens segue a mesma linha presente no texto que mistura situações complementares ligadas mais ou menos diretamente, mais ou menos intensamente à dicotomia pulsão de vida - pulsão de morte.*

*Esta mistura se evidencia nas descrições tanto de situações de destruição e violência contra os habitantes dos vilarejos russos, por um lado e, por outro, de atos de esperança, como a própria emigração dos personagens para o Brasil, e de generosidade, como todo o trabalho pioneiro que Noel Nutels realiza ao promover campanhas sanitárias junto aos índios levando a lugares remotos equipamentos radiológicos, laboratórios, conseguindo o uso de aviões etc. Também se faz presente na mistura do trágico e do cômico, na temática do encontro e desencontro, dos imigrantes com os brasileiros, o contato com os índios. E ainda na história, que é na verdade a história, o fio condutor do livro, da tentativa de reencontro do narrador com seu amigo Noel.*

*A mistura de nascimento, vida e morte aparece de forma bastante clara na descrição da descida do navio para a terra quando as duas famílias estão chegando ao Brasil. Os imigrantes deveriam descer por um cesto que, através de roldanas, os levaria para um barco. Medroso, o narrador vai deixando todos passarem à sua frente e quando finalmente chega sua vez e ele já está no meio do trajeto, suspenso no ar, as roldanas enguiçam. Justamente com ele. Não há outra saída senão pular. Depois de muita insistência, Noel gritando para que se jogue no mar, ele obedece. O trecho que descreve o contato com a água e o salvamento mistura tanto a tentação da morte quanto o apelo à vida através de uma cena que é uma espécie de renascimento:*

*Primeiro, o choque, o fundo mergulho. Depois, a surpresa: eu que tinha tanto medo do mar, me vi, encantado, em águas verdes e tépidas, águas primevas que me acolhiam – amorosamente, eu diria. Eu estava bem, ali naquela água. Nunca estivera tão bem. Se fosse para morrer não me importaria, tão bom seria morrer ali.*

*Mas não morri. Subi como uma bala, cheguei à superfície arquejante, agitando braços e pernas. Antes que afundasse de novo, um brasileiro me agarrou e me içou para bordo. Disse qualquer coisa que não entendi, mas com certeza era algo engraçado, eu ri, ele riu também, mostrando os dentes estragados, e eu estava contente, estava vivo. Noel e meus pais, alegres, me abraçavam. (p.49-50)*

*Ao expor o conceito de pulsão de morte, Freud vai recorrer aos fenômenos da repetição de sonhos traumáticos, da brincadeira infantil e da compulsão à repetição presente nos fenômenos da transferência psicanalítica para apontar uma motivação proveniente de uma força “mais primitiva, mais elementar” que o princípio do prazer (FREUD, 1920, p. 36). Afirma, porém, que nos três casos essa motivação pulsional diferente da pulsão erótica nela se apóia na maioria das vezes.*

Assim, a brincadeira infantil, que faz encenar repetidamente a experiência desagradável do afastamento da mãe, possui o componente adicional de tornar essa repetição ativa, sendo a ilusão do controle daí resultante uma fonte de prazer para a criança. Da mesma forma, a compulsão à repetição tal como se apresenta na transferência analítica também mistura a essa compulsão diversos componentes das pulsões eróticas.

Em *O Mal-Estar na Civilização*, Freud, ao falar da agressividade, define-a como vinculada ao amor. Diz ele que “a agressividade (...) constitui a base de toda relação de afeto e amor entre pessoas”(FREUD [1930] 1975, p. 135).

Pulsão sexual e pulsão de morte habitualmente convergem nos mesmos fenômenos sendo difícil isolá-las, percebê-las em estado puro, entrando em acordo com o tipo de construção do texto de *A Majestade do Xingu*.

*“É triste mas engraçado, como tudo”*

Mais uma mistura que se faz presente em todo o texto de *A Majestade do Xingu* é a do trágico e do cômico, ganhando o humor uma importância especial. O próprio começo do livro já engloba de forma radical essa mistura, ao juntar o tema da morte e o humor. Inicia-se com uma piada, uma história que se passa nos últimos momentos de vida de Noel Nutels, contada pelo narrador anônimo que, por sua vez, também se encontra próximo à morte.

No artigo *O Humor* Freud afirma que “O humor não é resignado, mas rebelde”(FREUD, [1927] 1975, p. 191). Essa rebeldia consiste em lutar contra as “provocações da realidade” (p. 190), havendo dignidade nessa atitude.

É o que aparece no tipo de humor de *A Majestade do Xingu*. O narrador comenta: “Noel era corajoso, até fazia brincadeira com a doença” (p. 170). E cita uma brincadeira de Noel: “Um dia ele mostrou a um amigo a sonda urinária que saía pela perna da calça do pijama e disse, isso é o pior no câncer de bexiga, a gente tem de fazer xixi pela perna” (p.170). Brincadeira que, admite o próprio narrador, não é das melhores. Talvez Noel tenha falado aquilo, continua ele, apenas para “poupar ao amigo o sofrimento de vê-lo alquebrado, destruído: olha só, amigo, morrer não é tão ruim, posso até fazer piada com a morte”(idem).

É o mesmo sentido da afirmação feita por Freud, no referido artigo: no humor “o ego se recusa a ser compelido a sofrer” (FREUD,[1927] 1975, p.190), tentando obter prazer mesmo em situações adversas. E assim vencê-las.

Um dos procedimentos marcantes em *A Majestade do Xingu* é a introdução de um elemento humorístico em meio ao relato de uma situação triste. São muitos os exemplos.

*O pogrom. Ao anoitecer, tropel de cavalos, gritos ferozes – logo estavam ali, aqueles demônios dos cossacos, bêbados, batendo nos homens, violentando as mulheres, queimando as casas. O pogrom, doutor, era um massacre organizado, uma válvula de escape para as tensões do império. A colheita fracassava? Pogrom. A Rússia era derrotada numa aventura guerreira? Pogrom. O tzar se sentia ameaçado? Pogrom, pogrom, pogrom.(p.15)*

O ritmo das orações que vai se acelerando, a repetição da palavra pogrom, como se estivesse sendo usada para um tema mais banal conferem um efeito de absurdo que provoca a comicidade.

Um matiz um pouco diferente é obtido através da descrição jocosa de um acontecimento trágico. Por exemplo, quando o narrador fala da doença e morte de sua mãe:

*Minha mãe morreu num asilo de idosos, onde nós a tínhamos colocado logo depois que o Zequi viajou. Era muito apegada ao neto, sofreu demais com a partida dele. E aí começou a ter uma conduta estranha. Um dia confidenciou-me que a grande paixão de sua vida havia sido não o meu pai, mas Isaac Babel. Isaac Babel, doutor, que tinha visto só algumas horas: perturbava-me constatar que meu pai tinha sido potencialmente traído, mas o pior eram os detalhes, o pior era ela dizendo, arrebatada, tudo o que eu queria era cair nos braços dele. Naqueles bracinhos curtos?(p.171).*

*Mais um componente humorístico de A Majestade do Xingu é fornecido pelo próprio personagem de Noel Nutels e sua coleção de inscrições em banheiros públicos. Noel é descrito como alguém muito divertido, que estava sempre fazendo piadas das situações, “com um modo desabusado de falar”(p.140). Um destaque especial é dado a sua coleção de inscrições de banheiro, para ele, “a linguagem secreta do país, criada pela tribo dos solitários de banheiro”(p. 130). Quem fala é o Noel que chega ao Brasil e vai logo se misturando com os mulatinhos do porto, que se encanta com os índios e com o temperamento da gente desta terra. E que desenvolve um humor com sotaque brasileiro, temperado pelo prazer de brincar, de fazer galhofa, pelo prazer da molecagem. É difícil para o narrador compreender esse jeito de rir: “Aquilo, francamente, me desconcertava: não ficava bem para um médico anotar coisas escritas por veados e punheteiros”(idem).*

*Por outro lado, o que se faz significativamente presente em A Majestade do Xingu através da voz do narrador é o humor judaico. Em um outro livro, um ensaio intitulado Meu filho, o doutor, Moacyr Scliar define o humor judaico como “um humor que induz à reflexão”, que “não provoca o riso fácil e, sim, o contido sorriso, melancólico”(SCLIAR, 2001, p.73). Uma das características mais marcantes do humor judaico é sua tendência para rir de si mesmo, o que Moacyr Scliar chama de auto-ironia. Um exemplo: em determinado momento o narrador de A Majestade do Xingu se define como um “pequeno burguês, mínimo burguês”(p. 138). Um outro: o narrador referira-se um pouco antes a Dolores Ibaruri, La Pasionaria, a revolucionária que lutou na Guerra Civil Espanhola. “No pasarán!”, dizia ela, e este se tornou o lema de resistência à guarda franquista. Noel encontrou-a num congresso em Moscou, tiraram uma foto juntos. Enquanto isso, o narrador estava em sua loja, distante de todos os acontecimentos, reclamando dos fregueses que chegavam e que o impediam de ler seus livros. Era a época da ditadura Vargas, Noel Nutels foi preso no levante comunista de 1935. Interrogado, enfrentou o delegado.*

*Tinha coragem o Noel. Enfrentava um policial com a maior tranqüilidade. Quanto a mim... A única inimiga que eu enfrentava era a mulher gorda que vinha comprar agulhas, a Pasionaria do crochê, a quem eu resistia com cara impassível. No pasarás! (p. 98)*

*Uma outra faceta do humor judaico também presente em A Majestade do Xingu é aquela em que, segundo Davy Bogomoletz, a comicidade provém do fato de precisarmos aceitar determinada limitação da realidade e só nos restar a possibilidade de rir disso. Um exemplo é quando o narrador se refere a sua perplexidade diante do Padre Anchieta que escrevia poemas na areia da praia Ele, o narrador, acostumado com o objeto livro, não podia aceitar que alguém deixasse sua poesia para o mar carregar. “Livro tinha permanência; o papel durava, não por toda a eternidade – e quem queria a eternidade? – mas durava”(p. 71). É claro que gostaríamos que durasse a eternidade, mas já que isso não é possível...*

*Mas, além da função de obter prazer mesmo em condições adversas e do prazer proveniente da ilusão de que se controla a realidade, a presença do humor judaico em A Majestade do Xingu tem uma outra função que é a de marcar a pertinência a um grupo, no caso, a identidade com a cultura judaica.*

*Talvez seja muito difícil descobrir como se constituiu esse traço cultural que é o humor judaico, identificar suas raízes, como foi seu desenvolvimento. Mas certamente podemos dizer que ganhou fôlego e se enriqueceu com o movimento hassídico.*

*Surgido no século XVIII, o hassidismo foi um movimento liderado por alguns sábios e/ou rabinos numa época em que os judeus viviam esmagados por condições externas que lhes era impossível evitar, sentindo-se à margem da história” (WIESEL, p. 25), em estado de miséria e desagregação. Esses sábios se moviam de aldeia em aldeia , de cidade em cidade , levando lições de sabedoria , esperança e alegria. A esperança deveria ser buscada em sua própria história , com o aprendizado a partir da experiência dos antepassados, sendo os mestres hassídicos também exímios contadores de histórias . As histórias são o fio que une o grupo a seus antepassados e, portanto, um instrumento de agregação, fortalecendo o indivíduo. O legado dos antepassados reduz a solidão.*

*O humor é, neste caso, um instrumento de reconhecimento mútuo, fator de fortalecimento da identidade grupal , em que cada indivíduo pertencente ao grupo é capaz de reconhecer uma forma de pensar, uma forma de olhar a realidade e de rir da mesma maneira que já observou em seu avô, em seu pai, em seus irmãos. Neste processo ele também se reconhece.*

*“Judeus nada têm a ver com cavalos’*

*Um dos temas centrais de A Majestade do Xingu é a temática que envolve algumas formas de comunicação humana, tais como a função da fala e da escrita, o prazer e a arte de contar histórias e o amor aos livros.*

*O livro é descrito como um bem precioso, meio concreto de transmissão do saber, instrumento de “eternização da palavra escrita”(p. 71) e de ligação para esse povo errante. Assim como é incapaz de se desfazer, durante muitos anos, da chave da casa onde moravam na Rússia, o pai do narrador também não pode prescindir dos livros por ocasião da mudança para o Brasil. Ao se mudar para o Brasil, vendeu “as poucas coisas que tinham”(p. 35), mas, em sua “restrita bagagem de emigrante” (p. 71), deu “um jeito de incluir os livros, umas poucas obras em o iídiche, em hebraico, em russo”(idem).*

*Os livros são uma referência ao passado (no caso dos livros trazidos), mas são também a ponte para o presente e para o futuro. Era através deles que o narrador aprendia na escola primária o necessário para dar “respostas na ponta da língua” (p. 65) pois sabia que “para o jovem imigrante era importante mostrar conhecimento” (idem). Também representam o acesso à nova língua : “eu queria não apenas aprender o idioma, queria dominá-lo por completo, conhecer essas palavras misteriosas, de significado intrigante” (p. 83) além de meio de aceitação e reconhecimento social : “[conhecer essas] palavras que servem de código para as pessoas cultas. Era difícil.(...) [ Por isso] eu consultava dicionários” (idem).*

*Os livros, portanto, são , em A Majestade do Xingu, elementos de ligação tanto ao antigo quanto ao novo, representando tanto a possibilidade de recorrer ao conhecido , à tradição e à experiência dos antepassados quanto a descoberta do desconhecido.*

*Como um desdobramento dessa questão , temos a questão da profissão médica. A medicina ganha diversos significados para os judeus, muitos deles relacionados à importância concedida ao livro e à aquisição de conhecimento. Novamente em Meu filho, o*

Doutor, Moacyr Scliar diz que a medicina representa a “continuidade da tradição judaica de respeito ao conhecimento : o médico é o sábio do passado atualizado e investido dos novos poderes da ciência” (SCLIAR, 2001,p. 79). É o que vemos igualmente em A Majestade do Xingu : “A admiração de meu pai pela medicina vinha desde a Rússia”(p.62), afirma o narrador. Porque lá o médico possuía privilégios, chegava onde os outros judeus não podiam chegar, atendia a nobreza tendo, assim, uma penetração e uma “ascendência sobre a nata da sociedade local. O que resultava em poder e dinheiro”(p. 63). Na Rússia, “um judeu só poderia sair da miséria, da insignificância, com um diploma” (idem). Desta forma , para ele não haveria mais pobreza, tuberculose, pogrom, tendo a medicina o poder de colocar o judeu num outro universo, fora das constrictões da realidade e dos perigos. A medicina é, além de uma possibilidade de ascensão social , a marca de entrada e aceitação na comunidade mais ampla, num limite que ultrapassa os do grupo judaico.

Ter um filho médico é o sonho de todo imigrante , que abre mão dos próprios sonhos para dar condições a seus filhos de ir mais longe do que ele foi , depositando neles uma expectativa que vem compensar seus esforços e seu sofrimento : “a satisfação de me ver doutor compensaria todos os seus sofrimentos”(idem), diz o narrador ainda se referindo ao pai.

Desta maneira, assim como o livro , a escolha da medicina repete e contém a dualidade onde temos, de um lado, a preservação dos valores tradicionais e. de outro, o movimento em direção à sociedade geral. Mas não seriam muitas as profissões que encerrariam essa dualidade. Em A Majestade do Xingu este fato fica bem claro no episódio envolvendo o escritor Isaac Babel. De forma cômica , ele é descrito, em meio à brigada bolchevique, levando sucessivos tombos ao tentar montar cavalos Tarefa inútil. Em meio a batalhas do exército vermelho , deixava de lado seu revólver e escrevia, tomava notas. Era isso o que, na verdade, gostava e o que sabia fazer: escrever e contar histórias. Montar cavalos e guerrear não eram atividades para os judeus, que nunca aprenderam a fazê-las ( pelo menos até então). O que não acontecia com a medicina, sendo notória a presença de judeus desde os primórdios da prática médica.

Da mesma forma , o comércio, também era, de longa data , “coisa de judeu” (p. 61). Desde tempos muito remotos os judeus exerceram uma posição específica no sistema social através do comércio, funcionando muitas vezes como elemento de ligação entre diversos grupos sociais , como por exemplo na idade média quando , como comerciantes , eram instrumentos de ligação entre os feudos (MEZAN, p. 20) . Mas esta profissão é vista, pelo menos por alguns grupos de judeus, e certamente pelo narrador sem nome de A Majestade do Xingu como desvalorizada . Principalmente quando comparada ao jornalismo e à intelectualidade militante representada no texto por Samuel Wainer : “por que [ele] perderia seu tempo [para conversar] com o cara que lia no balcão de A Majestade?” (p. 87).

O pai do narrador anônimo, em seus últimos momentos de vida, pede ao filho que estude e se forme em medicina. Este também sonha em tornar-se um médico. Aliás, não só tornar-se médico mas um grande médico , como afirma em uma carta imaginária que escreve para o amigo de infância : “Estou estudando, estudando bastante porque pretendo me tornar um grande médico”(p. 76) . Mas diferentemente do que ocorre com Noel Nutels, ele não conseguirá realizar seu sonho, as imposições da realidade o impedem. Justamente a morte do pai que faz dele o chefe da família, obrigando-o a tornar-se comerciante e a ir trabalhar em uma loja, de onde nunca mais saiu : “Noel formou-se em medicina. Eu me tornei lojista. Pequeno lojista, doutor. Bem pequeno”(p. 78).

Destino pequeno para seus sonhos. Diante das injunções da realidade , da impossibilidade de realização de suas necessidades pulsionais, vai recorrer aos livros e ao

*mundo de fantasia como forma de satisfação substituta, como diz ele : “fiz o que estava a meu alcance : dediquei-me à leitura”(p. 83). Além dos já mencionados dicionários , lia muito, lia tudo. Monteiro Lobato, Nietzsche, Proust, Ovídio, Goethe. Lia entre uma venda e outra : “ felizmente as vendas são raras, os intervalos entre elas são longos, possibilitam muita leitura”(p. 86) , diz ele, e ficamos certificados, assim, de sua preferência pela atividade intelectual e de sua insatisfação.*

*O mergulho no mundo da fantasia - este herdeiro da brincadeira e esboço de criação literária, como afirma Freud em O Escritor Criativo e o Devaneio - também é um recurso empregado para obter alguma satisfação possível, tendo a fantasia, assim, para Freud, a mesma função atribuída ao humor. Diz ele : “As forças motivadoras das fantasias são os desejos insatisfeitos e toda fantasia é a realização de um desejo, uma correção da realidade insatisfatória”(FREUD, 1908, p. 152, grifo nosso). Diante da impossibilidade da realização pulsional , o humor e a fantasia, assim como a criação literária, surgem como formações substitutivas.*

*Em várias passagens, o narrador , a partir de um detalhe da história, a partir de algum personagem histórico ou fictício começa a construir toda uma fantasia onde reorganiza os dados daquela realidade , brincando com eles. É o caso, por exemplo, quando pensa em Gabrilo Princip, o autor do atentado contra o arquiduque Ferdinando que desencadeou a Primeira Guerra Mundial. A partir do detalhe de que ele era tuberculoso, o narrador imagina uma série de situações que começa com o personagem ouvindo falar do agradável clima do Brasil e de sua beleza tropical, o que provoca nele um enorme desejo de vir para cá, levando-o a abandonar o grupo a que pertencia e não realizar o atentado. Em sua fantasia , transforma, a partir dessas novas circunstâncias todo o rumo da História mundial e da história pessoal de Noel Nutels, além da do próprio narrador (cf. p. 18-9).*

*De maneira semelhante à descrita em Além do Princípio do Prazer quando Freud se refere à brincadeira infantil do fort-da, vemos aqui em ação o componente pulsional de dominação. A realidade é imposta mas pode, na brincadeira e na fantasia que a acompanha , ser dominada através de um rearranjo que transforma a criança de passiva em ativa. Da mesma forma, da **passividade**, isto é, de uma situação em que as circunstâncias da vida estão sempre impondo fatos que devem ser aceitos, o narrador passa, através da fantasia, à **atividade**, sendo então capaz de transformar , ainda que ficticiamente, a História e/ou a história.*

*Assim também quando o pai do narrador anônimo perde um braço por causa de um acidente, o narrador tece uma elaborada fantasia a respeito do conde, figura que o pai idealizava, proprietário das terras onde moravam na Rússia. Obrigado a exilar-se após a vitória bolchevique, o conde escolheria São Paulo para viver e passaria a trabalhar com o pai como auxiliar na venda de gravatas na rua.*

*O rearranjo da realidade é evidente. O conde agora torna-se empregado do pai do narrador. Deve obedecer suas ordens, aprender com ele, seguir seu exemplo, sendo obrigado assim a adotar uma atitude de subserviência e, mais do que isso, de admiração. Os papéis agora estão invertidos, o pai do narrador tem então sua imagem restaurada, a necessidade pulsional está satisfeita , a realidade, corrigida.*

*A Majestade do Xingu é também , entre outras, uma tentativa de reencontro, a história da busca que o narrador faz de Noel Nutels. Ao longo de todo o texto , o narrador tenta um encontro que nunca acontece, um diálogo que nunca se dá. Acompanha à distância os fatos da vida de Noel Nutels, seja através de conhecidos comuns, seja através de notícias de jornais e TV. É inteirado da mudança de Noel e de sua família para Recife, do casamento, do*

curso universitário, de seu trabalho como médico e, logo adiante, como médico sanitário, sua criatividade, persistência e coragem ao mobilizar todos os esforços possíveis para implantar um serviço de combate à tuberculose para os índios.

Essa comunicação, porém, faz-se por mão única, não constituindo um encontro nem um diálogo: apenas o narrador toma conhecimento do que se passa com Noel Nutels. Este não sabe nada do que ocorre com o outro.

Diante de cada evento importante de sua vida, o narrador pensa em escrever para Noel desejando assim compartilhar com ele alegrias, dúvidas e tristezas. Quer contar-lhe como foram as primeiras experiências na escola (p. 75), falar do sonho de ser médico (p. 76), dar-lhe a notícia de que ele e sua mulher vão ter um filho (p. 103), fazê-lo saber de cada conquista do filho no colégio (p. 128). E pensa em mandar-lhe cartas. Que nunca são escritas e muito menos enviadas. Por “vergonha. De grafar as palavras errado. De escrever bobagem” (p. 75). Ou por achar que ele não seria importante para Noel. Começa então a criar cartas imaginárias, e é novamente através do recurso à fantasia que vai buscar essa comunicação com o amigo distante. Uma fantasia que ainda não é concretizada. Da mesma forma que nenhuma conversa pode acontecer entre eles, nenhum encontro. Quando finalmente o narrador decide visitar Noel no hospital, este já está em coma; não há resposta para suas palavras. Os generais do início do livro haviam acabado de sair, Noel talvez tenha lhes contado a última piada.

#### *Encontros impossíveis, cartas possíveis*

No desenrolar do relato do narrador surge, em certo momento, um novo personagem que vai determinar um novo lance nesse jogo que envolve a escrita imaginária e a ficção.

Trata-se de Zequi, o filho do narrador sem nome que, depois de uma fase de isolamento e atitude hostil com relação ao pai, passa a freqüentar, levado por uma amiga do próprio narrador sem nome, uma célula do Partido Comunista, a célula do Bom Retiro, denominada Zumbi dos Palmares. A hostilidade para com o pai continua até que, através do interesse que seu grupo político manifesta pelos índios e, conseqüentemente, por Noel Nutels, a situação entre os dois vai se transformando.

O pai se introduz no grupo político do filho, fala do amigo Noel, angaria simpatias e admiração. Os membros do grupo lhe pedem um encontro com Noel Nutels. Encontrar Noel? Impossível. Para ele, o narrador, para os amigos do filho. A alternativa: na impossibilidade de um encontro, o narrador garante que Noel poderia escrever uma carta para eles, carta que o próprio narrador escreve, à qual muitas outras se seguem. Trata-se agora de cartas verdadeiras, diferentes daquelas cartas imaginárias, que nunca chegaram a ser escritas. Cartas fictícias, escritas pelo pai. Pelo pai-Noel.

Todo um processo de transformação vai ocorrer com o narrador, encontrando ele finalmente uma motivação para sair da imobilidade: “Eu agora tinha um objetivo na vida, compreende o senhor? Escrever aquelas cartas foi uma coisa que passou a me mobilizar por inteiro.” (p. 140). Diferentemente do que ocorre em qualquer outro momento de sua vida, não há nada que o freie, que o iniba, sendo possível então a força pulsional se expressar em sua inteireza. Também agora “na loja não lia mais, só escrevia” (idem), tornando desnecessária a função de escapismo que a leitura exerce para ele por muitas vezes.

Colocando a máscara, o narrador fala de um outro lugar de onde é possível ao filho ouvi-lo, autorizado pela relação transferencial que se estabelece com Noel Nutels:

*Sei que o seu pai, companheiro Zequi, é hoje um lojista. Não o hostilize por causa disso. Nem todos podem estar na linha de frente no combate por um mundo*

*melhor. Pense que, graças a seu pai, você foi à escola, você adquiriu cultura, a visão de mundo que hoje lhe permite entender o socialismo. Eu não vou dizer que a loja A Majestade é uma trincheira na luta por um mundo melhor, mas também não é nenhuma fortaleza czarista. Um lojista não é necessariamente um reacionário. (p. 141)*

*O pai fala de um outro lugar de forma a tornar-se o ator de um outro autor que não ele próprio, obrigando-se, também ele, a ouvir uma outra fala.*

*Esta não é uma tarefa fácil :*

*[escrever], para minha surpresa, se revelou uma coisa extraordinariamente difícil. Eu pensava que a leitura tinha me familiarizado com a palavra escrita; pensava que as cartas imaginárias tinham me preparado para cartas reais. Estava enganado. Escrever era complicado. Escrever como Noel supostamente escreveria, mais complicado ainda. (p. 140)*

*Não se trata de apenas de proferir sua fala para o filho através de um disfarce, mas de realizar um esforço dramático no jogo que articula autor-ator-espectador. A fala desse ator-autor dialoga com Noel. Mesmo sendo falsa essa fala, ela implica uma distância, a possibilidade de um silêncio. O que abre caminho para o diálogo, para o encontro. Ocorre uma transformação : “na hora das refeições [Zequi] já não se mantinha no rígido silêncio; ao contrário, agora conversávamos, trocávamos idéias”(p. 141).*

*Na carta citada anteriormente, o narrador-Noel fala do legado transmitido para o filho – “graças a seu pai, você adquiriu cultura, a visão do mundo que hoje lhe permite entender o socialismo” (cf. citação acima). Está se referindo a uma ética do judaísmo e, como corolário, à capacidade de juntar dois tempos, o tempo da tradição e da modernidade, colocando-se assim ao lado do filho.*

*Renato Mezan mostra como complexos processos históricos e sociais que afetaram os judeus da Europa Central tiveram por conseqüência o fato de que o judaísmo pudesse ser concebido como uma ética. Em todas as histórias das religiões a ética foi sustentada pelos rituais religiosos que exprimem esses ideais éticos através de um repertório de símbolos e de formas de agir, pensar e sentir. Ética e religião estiveram por muito tempo e ainda permanecem interligadas. No século XIX uma corrente do pensamento judaico, influenciada pelo iluminismo, determinou uma modificação, uma rutura entre os preceitos éticos e os rituais religiosos. Esse tipo de pensamento preconizava a mesma busca da sabedoria, o mesmo controle dos impulsos violentos assim como a obediência dos preceitos morais que caracterizavam os princípios de conduta do judaísmo, mas de forma independente da participação dos rituais religiosos que sustentam tal ética. Essa forma de pensar permite a Freud afirmar no Discurso proferido perante a Sociedade dos B'nai B'rith (FREUD[1926] 1975) que ele se considera um judeu “descrente”, vale dizer, que seu judaísmo não se baseia na fé, o que não o impede de continuar respeitando “os padrões éticos da civilização humana”. A introdução das idéias iluministas operou uma modificação em uma corrente do pensamento judaico de tal forma que a ênfase não é mais colocada na particularidade da experiência desse povo com seu Deus, enfatizando, sim, o que há de universal nas preocupações éticas a serem respeitadas. Renato Mezan destaca o fato de Freud, em sua carta, referir-se aos “padrões éticos da civilização humana” e não aos padrões morais divinos como sustentador dessa ética. A civilização humana substitui a referência a Deus e a extensão da preocupação ética se amplia alcançando não somente um, mas todos os povos. Essa universalidade é, segundo o pensamento iluminista, a garantia de um não particularismo e leva ao domínio da Razão, um dos alicerces do positivismo científico e do liberalismo político.*

Por esta razão é que , em A Majestade do Xingu, o narrador-Noel fala que a visão do mundo transmitida ao filho permitiu-lhe entender o socialismo. Pai e filho agora estão próximos, as idéias de um tendo continuidade nas do outro.

Sobrevêm o golpe de 64, a fuga de Zequi, a conclusão de sua graduação, o convite para uma bolsa na França. Na volta do jantar de despedida, Zequi diz para o pai que sabia que era tudo mentira. Riem. Como descobriu? A máquina de escrever com a qual eram escritas as cartas foi dada como presente de formatura. Significativo presente : agora podiam prescindir de intermediários.

É fácil desculpar a mentira do pai : “Zequi já tinha me perdoado. Mais que isso : agora me compreendia(...)tinha crescido, o Zequi, tinha se tornado adulto”(p. 169). Há tempos atrás, Zequi havia perguntado ao pai se ele era importante. Este respondeu que não, “o papai não é nada, o papai é só um lojista; importante é o Noel Nutels”(p. 128). Tornar-se adulto é compreender que embora não sendo Noel Nutels, esse mito inatingível, o objeto idealizado, o pai está ali , a seu lado, lhe disse coisas importantes, fundamentais para sua formação, isto é, também ele tem coisas importantes para dizer. E tem uma história a contar, uma história a ser escrita. Zequi compreende e reconhece o pai e este , por sua vez , se reconhece e reconhece sua história. Anos mais tarde, os netos franceses vêm ao Brasil e o narrador se dá conta de que não podem conversar, eles não falam português. Zequi sugere que o narrador escreva sua história para que ele a traduza para os meninos. Ainda não foi possível escrever, talvez já nem seja mais. O narrador transfere para o médico que o escuta a tarefa de registrar essa história digna de ser contada.

#### Uma história a ser contada

Voltemos à questão abordada anteriormente, ou seja, por que contar a história do narrador junto à de Noel Nutels e qual é a história que ele tem para contar.

Maria Rita Kehl (2001) mostra como a narrativa própria às sociedades tradicionais é a lenda na qual os personagens centrais são seres excepcionais, tais como heróis ou santos que têm uma lição a transmitir , um exemplo a ser seguido. Neste tipo de sociedade, a vida de cada pessoa não é pensada como existência individual e sim como parte de um todo, seu lugar na comunidade a que pertence é estável e suas atitudes determinadas pelo exemplo e pela sabedoria dos antepassados, com a obediência às interdições necessárias à manutenção dos laços sociais. Grandes mudanças ocorrem na sociedade moderna e o sujeito passa a se considerar como um indivíduo isolado não existindo mais, para ele, certezas universais que possam guiar seu comportamento. Seu aprendizado não é mais transmitido, sendo adquirido agora através da própria experiência pessoal e da necessária e dolorosa consciência de si mesmo. Os personagens da narrativa própria à sociedade moderna não são mais figuras destacadas da massa e, sim, pessoas comuns , que tenham uma história a ser contada.

O narrador de A Majestade do Xingu, encontra-se numa situação peculiar, colocado na encruzilhada de dois mundos, o mundo do shtetl, de onde saiu e para onde nunca mais voltar, e o mundo da cidade grande, São Paulo, onde se vê solitário e cheio de dúvidas. Mesmo que seu pai tenha guardado a chave da casa da pequena aldeia da Rússia, ela já não serve para mais nada. Deve se defrontar com a nostalgia da vida comunitária para sempre perdida, da surpresa por se deparar com respostas diferentes das que lhe foram ensinadas como corretas por seus iguais , diferentes das respostas até então esperadas. Isto fica claro quando toma conhecimento de que sua mulher resolveu separar-se :

*Aquilo foi um choque novo e demolidor. Ouvi bem, eu? Falara ela em separação? Por quê, separação? Como, separação? Não me entrava na cabeça tal idéia. Ninguém se separava, na Rússia. Os casais viviam mal, brigavam – mas continuavam juntos. Por causa da pobreza, talvez, ou por vergonha, sei lá, o certo é que as famílias nunca se desfaziam. Agora, a Paulina, a minha Paulina, a Pau, anunciava que estava indo embora, que queria viver sem mim (p.175).*

*Num mundo onde já não existe o sentimento de pertinência a um grupo , onde o sujeito se vê isolado , devendo ele próprio escolher e buscar seu destino , a literatura adquire uma função de organizadora da existência. No mesmo ensaio anteriormente citado, Maria Rita Kehl aponta o romance como um dos caminhos para esse “homem desgarrado” , surgindo ele como capaz de dar voz ao “silenciado, ao sem lugar”(p. 67), enfim, para esses homens sem nome, que não têm a importância de um herói, mas que lutam para encontrar seus caminhos.*

*O destino não está mais predeterminado e o homem moderno deve encontrar a resposta através de sua própria experiência que é individual e diferenciada em relação aos demais . No entanto, paradoxalmente, ao falar de sua solidão, da angústia de ser responsável por seu próprio destino, está falando dos outros homens, dele diferenciados , mas vivendo sob as mesmas injunções. Por isso, ele não fala apenas em seu nome e sua escrita adquire um caráter social.*

*“Alguma coisa mudará no senhor depois que ouvir esta história”*

*O narrador de A Majestade do Xingu determinou para si a tarefa de contar a história de Noel Nutels. Descreve os detalhes dessa história para o médico que o acompanha no CTI e, junto com ela, a história de sua própria vida. Este anota tudo o que o narrador fala, faz gestos e diz palavras para o narrador, mas não fala diretamente ao longo do texto, sendo suas ações faladas pelo narrador. Quase no final do texto de A Majestade do Xingu, vemos que mais um futuro escritor vai se juntar a essa **corrente narrativa** : Zequi, o filho do narrador , que se propôs a traduzir a história de seu pai para o francês , para que, por sua vez, seus filhos franceses a conheçam. Este novo texto será feito no tempo futuro, sendo um texto a ser escrito. Significativamente.*

*Shoshana Felman usa a expressão corrente narrativa para designar um elemento específico do fazer literário (FELMAN, 1971)*

*A corrente narrativa começa com a não simultaneidade do fato narrado e do ato de escrever. A escrita é sempre executada num tempo diferente do narrado, mesmo quando o narrador pretende relatar os eventos em estado nascente como em Manuscrito encontrado numa garrafa, de Edgar Allan Poe, onde a sofreguidão para descrever os últimos momentos de vida do narrador não deixa de ser fictícia, revelando tão somente sofreguidão, impossibilidade e arte.*

*A narrativa, diz Shoshana Felman, se constitui pela existência “de uma pluralidade, de uma série de narradores que se interligam . A origem do relato não é atribuída a uma simples voz narrativa, mas ao efeito em eco, posterior, de vozes que retomam outras vozes”(FELMAN, 1971,p. 262).*

*A não simultaneidade impõe um distanciamento , propondo que a narrativa se faça através de uma **versão** , sendo o texto, portanto, já uma leitura, a primeira de muitas outras que poderão se fazer. Os sucessivos narradores evidenciam a corrente narrativa em A Majestade do Xingu, sendo o personagem do médico um elemento-chave. Um discreto*

*elemento-chave que apaga sua própria voz aparecendo no texto sempre de forma indireta, através da fala e comentários do narrador, o que sugere um papel pretensamente secundário para ele na trama.*

*Pouco sabemos a seu respeito. A mãe é judia, o pai, não. Ele, portanto, faz parte de uma geração posterior à dos imigrantes, estando afastado de alguns aspectos da cultura judaica, tanto assim que não sabe o que é guefilte fish, um prato típico da Europa Oriental, muito conhecido entre os judeus.*

*Apesar de relativamente afastado das tradições judaicas, herdou da mãe, senão o amor aos livros, o gosto de ouvir e contar histórias. Como fala o narrador: “O senhor tem jeito de quem gosta de ouvir histórias. De ouvir histórias e de contar histórias. Isso às vezes é coisa de família. Desculpe perguntar, mas seus familiares gostavam de contar histórias? Ah, sua mãe. Sua mãe gostava de contar histórias” (p.9-10).*

*Também relacionado com sua filiação judaica, exerce a profissão de médico, essa profissão que está sempre em contato com o fato da vida e da morte.*

*Embora seja médico, não conhece Noel Nutels: “Noel Nutels. O senhor não sabe de quem estou falando. Vejo pela sua cara: o nome não lhe diz nada. Compreensível. O senhor ainda é muito jovem”(p. 9).*

*Muitas coisas acabam sendo esquecidas, quem foram certas pessoas, certos idiomas, o idioma dos índios, o iídiche, o dialeto judaico da Europa Oriental (p.11). Muita coisa se esquece, perdendo-se assim uma parte da história dos povos. Uma das funções da escrita é recuperar parte da memória social e, conseqüentemente, possibilitar a preservação da memória individual. Ecléa Bosí, em Memória e Sociedade, mostra como a lembrança individual é dependente da memória coletiva (BOSI, 2001, p. 59).*

*Além da função de recuperar a memória social, o personagem silencioso tem ainda muitas outras funções. Uma delas é servir de fio condutor, fio que permite costurar os fatos fazendo com que formem uma história. Além disso, proporciona uma constante referência ao momento presente. Ecléa Bosí, no mesmo texto citado acima, fala que o processo de rememoração pressupõe o confronto de dois tempos - o momento em que ocorreu o fato lembrado e o momento atual. Essa duplicidade implica um duplo olhar, pois não somos os mesmos nas duas épocas da vida, vemos com olhos diferentes os acontecimentos passados, modificados por tudo por que passamos ao longo desse período de vida. Em A Majestade do Xingu esse fenômeno se amplia e se referenda através da escuta do médico que marca incessantemente os dois momentos do narrador e as duas escutas. O relato é permanentemente pontuado por frases como: “O senhor já pensou o que é isso, doutor?”(p. 41), “Como o senhor pode imaginar, doutor, aquele anúncio causou um reboleço na aldeia”(p. 16), “Destino, não é, doutor?” (p. 18) etc.*

*Uma outra função do médico é acompanhar esse homem que sente dor: “Ai que dor, doutor, que dor no peito, essa injeção que o senhor me deu não adiantou nada, preciso de alguma coisa mais forte. Ou então preciso falar, falar pelo menos me distrai”(P. 9).*

*Acompanhá-lo é principalmente ouvi-lo nesse momento tão especial de sua vida: “Com vergonha eu lhe confesso, e só posso confessar porque aqui estou, na terra de ninguém que medeia entre a vida e a morte”(p. 27). Nessa terra de ninguém, em que urge adquirir um sentido para a vida, é necessário falar, para o que é necessário esse que vai dar sentido à fala.*

*Longe de ser passivo, o médico **escolhe** escrever a história que o narrador lhe conta. Escolhe assim como **é escolhido** pelo narrador para fazê-lo seu ouvinte. O narrador não o conhece de imediato, imagina coisas sobre ele: “uma pessoa como o senhor, que, imagino, conhece muito a natureza humana”(p. 27) ou, como em outra passagem: “Deixa pra lá, doutor, histórias como a minha o senhor deve conhecer muitas, vidas amargas devem*

*desfilar diante do senhor”(p. 51). Percebe algumas de suas reações : “No início eu consultava dicionários; depois, passei a lê-los sistematicamente. O senhor se espanta?”(p. 83). É também aos poucos que vai conhecendo dados de sua vida , que é judeu, médico, jovem, mais permeável às mudanças dos tradicionais costumes judaicos, mas preservando muitos deles.*

*E através desse confronto das semelhanças e diferenças , o narrador vai se conhecer e se compreender em seu processo de subjetivação, numa relação libertadora, que segue um trajeto transferencial, inicialmente com uma certa desconfiança :*

*depois que eu morrer o senhor vai escrever essas coisas que estou lhe contando? Ah, não vai? E por que está tomando notas? Ah, não tem nada a ver com o que estou dizendo? Mas o senhor não acha que é falta de educação prestar atenção em outra coisa enquanto estou aqui, falando de mim, falando do Noel? (p. 10)*

*e que logo se transforma em curiosidade , até chegar a lhe pedir, a lhe sugerir : “Talvez o senhor coloque no papel essas coisas que estou lhe contando”(p. 170).*

*O texto coloca , portanto , questões relativas tanto à criação literária quanto à relação psicanalítica. O que faz com que sejamos seduzidos por um texto, o que faz com que o escolhamos, o que faz um autor se encantar com um personagem a ponto de, a partir de um esboço qualquer, vindo de alguma fonte, o desenvolva, o recrie, faça retoques? O que faz um analista escolher e deixar ser escolhido por um paciente? O que faz, mais especificamente, o médico-escritor-analista de A Majestade do Xingu, se encantar com esse homem sem nome tornando-o capaz de transformá-lo , fazendo-o querer ouvir sua história para assim aprender com ele e também transformar-se? O narrador sem nome parecia já saber de tudo isso ao dizer, bem no início do texto: “Acho que alguma coisa mudará no senhor depois que ouvir esta história”.*

*Essa possibilidade de influência mútua, esse jogo de intersubjetividades é levado a um grau mais acentuado quando inclui todo o processo de transformação de Zequi que se anuncia como mais um autor a se inserir nessa cadeia narrativa. A perspectiva de levar para o futuro, para adiante a história, com modificações, interferências, novos personagens, novas marcas abre a possibilidade de uma construção sem fim.*

## BIBLIOGRAFIA

- BOGOMOLETZ, D. *Freud, Winnicott e o Humor*. Rio de Janeiro, Arquivos Brasileiros de Psicologia, v.47,n.1,1995.
- BOSI, E. *Memória e Sociedade, Lembrança de velhos*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001, 9.ed.
- FELMAN, S. *La Folie et la Chose Littéraire*. Paris, Seuil, 1971.
- FREUD, S. Escritores Criativos e Devaneio (1908). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1980, vol. IX, p. 147-158.
- \_\_\_\_\_. Além do Princípio do Prazer.(1920) .*Idem*, vol. XXI, p.13-85.
- \_\_\_\_\_. Discurso Perante a Sociedade dos B'nai B'rith. (1926). *Idem*, vol. XX, p.313-317.
- \_\_\_\_\_. O Mal-Estar na Civilização.(1930). *Idem*, vol. XXI, p. 75-171.
- \_\_\_\_\_. O Humor (1927) . *Idem*, vol. XXI, p. 189- 194.
- JOZEF, R.R. A Palavra do Desejo e o Desejo da Palavra. Dissertação de Mestrado em Teoria Literária UFRJ. Rio de Janeiro, 1988, mimeo.
- KEHL, M.R. "Minha Vida Daria um Romance". In. BARTUCCI,G. org. *Psicanálise, Literatura e Estéticas de Subjetivação*. Rio de Janeiro, Imago, 2001.
- MEZAN, R. *Psicanálise, Judaísmo : Ressonâncias*. Campinas, Escuta,1987. p. 20 ; p. 28.
- POE, E. A. *Manuscrito Encontrado numa Garrafa e outros contos*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1996.
- SCLIAR, M. *A Majestade do Xingu*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Meu Filho, o Doutor*. Porto Alegre, Artmed, 2001
- WIESEL, E. *A Melancolia dos Mestres da Alegria*. Rio de Janeiro, Exodus, 1997. p. 25.

## RESUMO

O livro *A Majestade do Xingu*, de Moacyr Scliar, conta a vida de Noel Nutels, médico sanitário relatada por um outro personagem fictício, anônimo, também judeu e russo, de idade próxima que teria vindo no mesmo navio da Rússia para o Brasil. Os dois personagens se contrastam, sendo Noel a representação da pulsão de vida enquanto o outro representa a luta entre forças provenientes da pulsão de vida e da pulsão de morte.

As imposições da realidade impedem a plena realização das pulsões. O humor, a fantasia e a criação literária se apresentam para Freud e no texto do livro como formas substitutas de satisfação. Na modernidade essa impossibilidade de satisfação pulsional ganha novas nuances, sendo o mal-estar acrescido da angústia do homem moderno diante da perda das certezas anteriormente fornecidas pela sociedade tradicional.

O texto literário torna-se o lugar onde o homem fala e busca se compreender atingindo assim a subjetivação. O herói é substituído pelo homem comum que, falando de sua solidão, fala paradoxalmente em nome de outros homens, adquirindo o romance um caráter documental e social.

O texto literário estabelece uma **corrente narrativa** pressupondo sua leitura como uma **versão**. Como na relação psicanalítica temos assim uma atitude de questionamento e discriminação que permite o jogo de intersubjetividades e a transformação.

*Unitermos : Psicanálise e Literatura. Judaísmo . Humor . Pulsão e Subjetivação*

## ABSTRACT

The book *A Majestade do Xingu*, by Moacyr Sciliar, tells the life of Noel Nutels, medical doctor, hygienist. The story is narrated by a legendary character, who is an anonymous Russian and Jewish, just like Noel. He is about the same age and came from Russia to Brazil in the same ship. The two characters are opposite one another. Noel is the representation of the life drive while the other represents the struggle between the life drive and the death drive.

The impositions of the reality do not allow the full accomplishment of the drives. The humor, the fantasy, and the literary creation are presented to Freud, and in the book text, as replacements for satisfaction. In modernity this impossibility of drive satisfaction receive new tones. The modern man deals with the losses of the certainties provided by the traditional society, struggling with discomfort and anxiety .

The text becomes the place where men talks and search an understanding, reaching subjectivity. The hero is replaced by the common man, talking about his solitude, paradoxically on behalf of other men, turning the romance into a social document.

The literary text establishes a narrative chain prevailing its reading to be a version. As in the psychoanalytic encounter, we assume a position of questioning and discrimination that allows the game of intersubjectivities and transformation.

Uniterms : Psychoanalysis and Litterature. Judaism. Humor. Drive and Subjetivation.

# SELF NUCLEAR E PSICANÁLISE APLICADA

SILVIA HELENA KOSSMANN

## RESUMO

No presente trabalho utilizei a criação de vários artistas para ilustrar as transformações do self nuclear. São estudadas as transformações do self nuclear que ocorrem em função de mudanças ambientais decisivas, a partir de perdas afetivas e geradas por doenças orgânicas graves. Observei que nas três circunstâncias o self atravessou um estado de desequilíbrio narcisíco, e procurei estudar quais as soluções criativas que empregou para através de muitas lutas e com grande dor, alcançar novo estado de equilíbrio.

## ABSTRACT

I borrowed for this paper the creation of several artists to illustrate the nuclear self transformations, studying the occurrence of these transformations in relation to conclusive environmental changes, emotional losses and severe organic diseases. As for these three circumstances, I observed that the nuclear self underwent a state of narcissistic unbalance, and attempted a study about which creative solutions it exercises, with great struggle and deep pain, in order to achieve a new state of balance.

## I. INTRODUÇÃO

Apesar de ter reparado que os grandes poetas foram os precursores dos psicanalistas, Freud preferiu salientar as diferenças entre a abordagem científica e o entendimento intuitivo e criativo da natureza humana que o artista leva para sua audiência. Freud deve ter tido boas razões para subestimar a relação entre a atividade dos psicanalistas criativos e a dos artistas criativos, afinal, o campo era novo e ele tinha que provar ter criado uma ciência. Ernest Jones, em sua biografia sobre Freud<sup>4</sup>, prestou muita atenção para um aspecto suprimido da personalidade de Freud, ao nos relatar “sua batalha sem tréguas contra os demônios da especulação criativa”, os quais o próprio Freud denominou de “meu self fantasmático”.

Entretanto, hoje em dia sabemos, e estamos livres para poder afirmar, que o livre fluxo da fantasia é um instrumento indispensável ao trabalho analítico.

Ainda sabemos muito pouco sobre a psicologia dos analistas criativos. Talvez, como nos disse Heinz Kohut em seu artigo “Beyond the Bounds of the Basic Rules”<sup>5</sup>, “tenham experimentado uma necessidade acima da média de se expressar artisticamente durante a adolescência e no início da vida adulta, que é finalmente canalizada para a devoção pela ciência psicanalítica. Estes analistas tendem a manifestar uma preocupação quase artística com o ramo biográfico da psicanálise, no qual a imaginação tem um papel preponderante, e no qual o assunto a ser estudado pode ser escolhido de acordo com as necessidades e predileções do analista.”

Hoje em dia a psicanálise aplicada utilizada apenas como reducionismo psicanalítico não tem mais justificativa. Já estamos cientes do fato de que a abordagem psicanalítica habitual da psicopatologia é inadequada quando lidamos com as qualidades distintas das personalidades criativas e de suas obras. Enquanto a psicanálise estava preocupada predominantemente com a investigação das manifestações que emanavam do inconsciente reprimido, estudos sobre a arte focalizavam apenas sobre a elucidação dos problemas tradicionais da pesquisa psicanalítica: a revelação dos conteúdos e formas do inconsciente. Era importante provar que os achados obtidos no setting psicanalítico podiam ser confirmados por outros meios, e o trabalho artístico só era valorizado na medida em que permitia acesso aos conteúdos inconscientes. O ensaio de Freud sobre Leonardo da Vinci<sup>2</sup>, por exemplo, não tenta compreender a personalidade de Leonardo, nem as vicissitudes de sua criatividade, mas restringe-se a apresentar uma forma particular de homossexualidade.

Através da pesquisa psicanalítica do ego, entretanto, e com o aumento dos nossos conhecimentos a respeito do ego, o espectro da psicanálise aplicada se ampliou, e novas áreas de pesquisa tornaram-se acessíveis. As atividades do ego estão agora sendo estudadas não apenas em função de suas relações genéticas e dinâmicas com o reprimido, isto é defesas e sublimações; mas também como funções primária ou secundariamente autônomas.

O material artístico que utilizamos para realizar estudos de psicanálise aplicada tem o grande atrativo de ser do domínio público, não ficando portanto sujeito à ética do sigilo profissional. Mas devemos ter em mente que este material deve ser tratado de uma maneira diferente da qual tratamos o material que obtemos cotidianamente em nossa clínica. Não estamos lidando com pacientes desejosos de serem curados e sim com mentes criativas com uma mensagem para nos comunicar.

É neste sentido mais amplo da psicanálise aplicada, que não visa apenas provar a existência de uma patologia e sim aprender com uma área de funcionamento autônomo e criativo do ego, que desejo focalizar neste trabalho como as muitas vicissitudes da vida levam a estados de desequilíbrio narcísico, até que, após lutas heróicas, se tudo correr bem, o self nuclear volta a dominar.

## II. SELF NUCLEAR

Heinz Kohult nos mostrou através de toda a sua obra, que o entendimento psicológico do homem tal como visto dentro do arcabouço conceitual da abordagem pulsão – conflito da psicanálise, relaciona-se àquela tradicional visão dos problemas humanos que é evocada por termos tais como: culpa e reparação, crime e castigo, pecado e redenção. Caracterizou esta grande variedade de fenômenos da psicologia humana, dizendo que ela evoca o homem culpado.

Mostrou-nos ainda a existência de outra dimensão humana, que também deve ser levada em consideração. Trata-se da questão fundamental de se o self nuclear de uma pessoa é capaz de expressar os seus padrões básicos no decurso de seu tempo de vida. Nesta dimensão não estamos lidando com funções psíquicas reguladas pelo princípio do prazer/realidade, mas sim com funções psíquicas sujeitas a forças “ mais além do princípio do prazer”. Criou o termo homem trágico para englobar a grande variedade de fenômenos que encontra-se envolvida nesta segunda dimensão da psicologia humana.

Portanto, o homem seria propelido por duas forças realizaria simultaneamente dois percursos, e a falta de qualquer um deles tornaria sua vida incompleta. Partindo desse enfoque, toda análise deveria estar preocupada com as duas dimensões do homem, e todo o analista deveria tentar auxiliar seu paciente a estruturar e desenvolver seu self nuclear.

É característica de uma mente saudável experimentar o conteúdo narcísico como único, isolado e absoluto, mesmo que se ache de posse de dados que deveriam interferir com essa experiência. Neste sentido, a postulação de Kohut de que existem vários selves equivaleria à descoberta de Galileu de que a Terra não é o centro do Universo, e à descoberta de Freud de que o consciente não rege a nossa atividade mental, já que existem poderosas forças inconscientes. Nos três exemplos citados acima, estaríamos diante de uma ilusão patrocinada pelo self grandioso da infância, que sobrevive nas profundezas de nossa personalidade.

Em seu trabalho “Sobre a Coragem” Kohut<sup>6</sup> informa que autores como Levin, 1969 e Shafer, 1973 postulam a existência de um self único, que constitui o centro do nosso ser, do qual todas as iniciativas nascem e no qual todas as experiências terminam. Acredita que postular um self isolado como agente central da psique conduz a uma teoria simples e elegante da mente, mas também leva a uma injustificada falta de ênfase sobre a existência do inconsciente. Além do mais, como já observamos, esta definição do self não deriva de material psicanalítico, e sim da experiência consciente. Kohut<sup>6</sup> prefere definir o self como uma abstração que deriva da experiência clínica psicanalítica, ou seja, trata-se de um conteúdo da mente potencialmente observável. Através desta abordagem reconhece a existência simultânea de selves diferentes e até mesmo contraditórios na mesma pessoa, de selves com variados graus de estabilidade e importância. Para Kohut<sup>6</sup> existiriam “selves conscientes, pré-conscientes e inconscientes; no id, no ego e no superego, e poderíamos até descobrir selves incompatíveis, lado a lado, na mesma instância psíquica”.

Entre estes selves existiria um que é mais centralmente localizado no psiquismo, que é vivenciado pelo indivíduo como básico e que é muito resistente a mudanças. É composto de derivados do self grandioso (dos objetivos e ambições centrais de auto-afirmação) e de derivados da imago parental idealizada (dos valores idealizados centrais) e deles herda a sua força, merecendo por isso o nome de self nuclear. Kohut<sup>6</sup> postula que, “como analistas, devemos estar atentos a todos estes aspectos para tentar traçar de modo mais ou menos completo uma linha de desenvolvimento a partir das formas mais primitivas do self nuclear. A questão básica não é se a estrutura psíquica em questão se acha em estado de conflito ou em harmonia com o resto da personalidade, e sim se ela é superficial ou profunda. O exame analítico do self nuclear conduz às profundezas psicológicas, e à medida que as camadas mais profundas são gradativamente penetradas, à descoberta de um padrão dinâmico e geneticamente significativo”.

Apesar de ser resistente a mudanças, o self nuclear não é imutável. A tarefa de modificá-lo e até mesmo de transformá-lo nos é repetidamente imposta pela vida. As mudanças do self nuclear em certas conjunturas do desenvolvimento, como na adolescência e na velhice, sob mudanças ambientais decisivas, ou sob o impacto de perdas afetivas, não constituem sinal de doença e serão o objeto de estudo deste trabalho. Por outro lado, Kohut<sup>6</sup> lamenta justificadamente como sendo manifestação de uma deficiência psicológica “as atitudes daqueles que rápida e oportunisticamente ajustam seus ideais sob influência de pressões externa. Este tipo de comportamento não significa uma alteração do self nuclear, mas apenas uma adaptação dos selves mais superficiais. Nestes indivíduos, o self nuclear deixa de participar ativamente das ações manifestas, tornando-se cada vez mais isolado”.

Segundo Kohut<sup>6</sup>, o desenlace psicológico característico da maioria dos adultos “não é infelizmente o indivíduo buscando uma solução criativa para seus conflitos concernente à redefinição de suas ambições e valores básicos, mas sim uma pessoa que, apesar de apresentar uma conduta desembaraçada e adaptada, vivencia um sentimento de superficialidade interna e dá aos outros uma impressão de artificialidade”.

Pretendo neste trabalho acompanhar através da psicanálise aplicada a transformação do self em vários indivíduos que tiveram a coragem de vivenciar etapas de desequilíbrio narcísico, e que desta forma alcançaram soluções criativas na reestruturação de seu self nuclear.

### III. O SONHO DE SOPHIE

O estudo da constelação psicológica, que permite a alguns poucos indivíduos excepcionais se oporem às poderosas pressões sobre eles exercidas e permanecerem fiéis a seus ideais enquanto que todos os outros fraquejam e nadam a favor da corrente, é muito ilustrativo quando estamos interessados em estudar o self nuclear e suas transformações.

“Forasteiro, vai e diz a Esparta que aqui jazemos em obediência às suas ordens”. Assim lemos na famosa inscrição que lembra a morte dos espartanos em Termópilas. Eles sentiam ter perdido apenas a vida, pois tinham tornado seus selves imortais, alcançando desta forma a suprema satisfação narcísica.

Kohut<sup>6</sup>, em seu artigo “Sobre a Coragem”, define a coragem como “a capacidade de desafiar a morte e tolerar a destruição antes que trair o núcleo do próprio ser psicológico, isto é, os próprios ideais”, e acrescenta que “existem aspectos genéticos, dinâmicos e estruturais destas fortalezas emocionais, assim como certos artifícios auxiliares que o psiquismo utiliza para sustentar sua resolução”.

O self nuclear do indivíduo heróico não se caracteriza pela imutabilidade. Pelo contrário, a disposição do herói de morrer para preservar seus ideais surge através de uma mudança criativa em seu self nuclear, que o capacita a se diferenciar do seu ambiente e caminhar seguindo apenas suas próprias idéias. Quase todos os indivíduos heróicos enfrentam crises graves enquanto se acham a caminho de chegar à decisão suprema de que permanecerão fiéis a seus selves a qualquer preço. Não temem as conseqüências que sofrerão como resultado de suas ações e também não revelam medo do isolamento social. A crise de coragem é antes uma crise de extremo desequilíbrio narcísico, através da qual o self nuclear passará a ter uma dominância total da personalidade. É justamente durante esta crise de coragem que estes indivíduos utilizam o que Heinz Kohut denominou de “artifícios auxiliares”, que consistem “em criar uma fantasia a respeito de uma figura toda poderosa, que se torna uma fonte de apoio vital. Esta figura idealizada pode ser um deus, uma figura histórica prototípica, ou uma pessoa carismática que vive no presente”. Ainda no mesmo trabalho “Sobre a Coragem”, Kohut<sup>6</sup> informa que esta falsificação da realidade pode adquirir características grosseiras, como no caso das alucinações e delírios passageiros nos quais, por exemplo, um missionário escuta “o chamado de Deus”. Podem também constituir apenas a falsificação da realidade onde as pessoas heróicas idealizam intensamente atributos físicos ou mentais de pessoas que na realidade possuem apenas dons comuns. Kohut denomina este fenômeno de “transferência de criatividade” e nos lembra a relação entre Freud e Fliess.

Não é difícil reconhecer que todas estas falsificações da realidade, tão vívidas em momentos decisivos das vidas destes indivíduos corajosos, constituem variações sobre o tema da regressão na linha evolutiva da configuração narcísica do objeto do self onipotente e idealizado. Portanto, vemos que os indivíduos heróicos não são psicóticos, como não são manifestações de uma dissolução do self as alucinações e as ordens delirantes que o herói experimenta como motivadoras de suas ações corajosas. O verdadeiro motivo que impele o herói é seu self nuclear, que através destes mecanismos auxiliares temporários, criados secundariamente, utilizou estes objetos do self idealizados para atingir uma completa unificação da personalidade sob seu domínio. Assim que este estado de unificação da personalidade sob o

domínio do self nuclear é alcançado e a suprema decisão de seguir os seus idéias a qualquer custo é tomada, o herói experimenta um sentimento de paz e de grande serenidade interna. Estes sentimentos são expressão de um novo equilíbrio narcísico que foi alcançado e que se caracteriza por um estado de completa harmonia entre o self nuclear e o restante da personalidade.

A mais tocante ilustração desta experiência de serenidade interior que o herói-mártir alcança ao final acha-se contida no último sonho de Sophie Scholl, ocorrido durante a noite que precedeu sua execução, relatado por sua irmã Inge. É mais uma vez Kohut, no artigo já citado, que nos conta a história dos irmãos Scholl, Hans e Sophie, dois líderes estudantis que fundaram um pequeno movimento de resistência organizada ao nazismo, na Universidade de Munique, na primavera de 1942, chamado A Rosa Branca. Os líderes do grupo foram logo presos e executados sem que houvesse qualquer reação por parte de professores ou alunos da Universidade.

Após ter sido despertada do sono para enfrentar o dia da execução, Sophie contou o seguinte sonho: “Fazia um dia de sol, eu carregava uma criança vestida numa longa roupa branca, que ia ser batizada. O caminho para a igreja subia uma montanha íngreme, mas eu estava segurando a criança de modo firme e seguro. Subitamente apareceu, escancarada em minha frente, uma fenda na geleira. Mal tive tempo para depositar a criança no lado oposto dela, o que consegui fazer com segurança \_ mas então caí para o fundo da fenda”. Após Sophie ter contado o sonho, imediatamente explicou seu significado: “A criança é a idéia que nos conduz, ela viverá e chegará à realização, apesar dos obstáculos”. Kohut acrescenta que “durante o resto do dia o comportamento de Sophie dá testemunho da total absorção de sua personalidade pelos valores idealizados. Tudo que é relatado sobre ela está em harmonia com um senso de total equilíbrio narcísico. Através todo o dia, esteve calma e tranqüila. Sua pele estava brilhante e fresca, o rosto radiante, com uma expressão de maravilhoso triunfo. Seus lábios brilhavam com um vermelho escuro e ela encaminhou-se para a execução sem se quer um traço de medo” .

#### IV. LAMENTO DA MÃE ORFÃ.

Em seu clássico trabalho intitulado “Luto e Melancolia” , Freud<sup>3</sup> caracteriza o luto como um desânimo profundamente penoso, no qual verificamos ausência de interesse pelo mundo externo , perda da capacidade de amar e inibição de toda e qualquer atividade. Consta que essa inibição e circunscrição do ego é expressão de sua exclusiva dedicação ao trabalho do luto, caracterizado da seguinte forma: “ O teste da realidade revelou que o objeto amado não existe mais, passando a exigir que toda a libido seja retirada de suas ligações com aquele objeto perdido. Essa exigência provoca uma oposição compreensível \_ é fato notório que as pessoas nunca abandonam de bom grado uma posição libidinal, nem mesmo quando um substituto já acena. Essa oposição pode ser tão intensa que dá lugar a um desvio da realidade e um apego ao objeto por meio de uma psicose alucinatória carregada de desejo. Normalmente prevalece o respeito pela realidade, ainda que suas ordens não possam ser obedecidas imediatamente. São executadas pouco a pouco, com grande dispêndio de tempo e de energia catexial, prolongando-se psicicamente, nesse meio tempo, a existência do objeto perdido. Cada uma das lembranças e expectativas isoladas, através das quais a libido está vinculada ao objeto, é evocada e hipercatexizada, o desligamento da libido se realiza em relação a cada uma delas.....O fato é que quando o trabalho do luto se conclui, o ego fica novamente livre e desinibido”. De fato, observamos que o ego readquire a capacidade de amar e de se ligar ativamente ao mundo

externo, porém observamos que o self nuclear sofreu a partir desta experiência profundas modificações.

No mesmo artigo, Freud nos ensina que na melancolia, após uma decepção amorosa, a relação objetal é destroçada. O resultado não é o da retirada da libido desse objeto e um deslocamento para um novo objeto; em vez disso é retirada para o ego onde estabelece uma identificação do ego com o objeto abandonado. “Assim a sombra do objeto caiu sobre o ego, e este pode daí por diante ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado,” nos diz Freud. A identificação narcísica com o objeto se torna então um substituto da catexia erótica e em consequência disto, apesar do conflito com a pessoa amada, não é preciso renunciar à relação amorosa. Freud define a identificação como uma etapa preliminar da escolha objetal; seria a primeira forma pela qual o ego escolhe um objeto. Expressaria-se de forma ambivalente e em conformidade com a fase oral do desenvolvimento libidinal em que se encontra o ego. Karl Abraham<sup>1</sup>, em seu importante artigo “Breve Estudo do Desenvolvimento da Libido Visto à Luz das Perturbações Mentais”, afirma que também no processo do luto normal a pessoa reage à perda do objeto real realizando uma introjeção temporária da pessoa amada. Abraham exemplifica seu ponto de vista, relatando o caso de um paciente que perdeu a esposa e uma criança nascida prematuramente durante o seu processo de análise. Informa que após esta perda o paciente passou a apresentar uma notável aversão a comida, o que durou semanas. Após sua primeira boa refeição, o paciente relatou o seguinte sonho, dividido em duas cenas contrastantes, no qual se achava presente à autópsia da esposa. “Numa das cenas, as partes separadas do corpo se uniam de novo, a morta começava a apresentar sinais de vida e o paciente a abraçava com sentimentos da mais viva alegria. Na outra cena, a aparência da sala de dissecação se alterava e trazia-lhe à lembrança animais a batidos num açougue”. Na análise, a associação do paciente em relação ao sonho trouxe consigo o fato marcante de que a visão do corpo dissecado fazia o paciente lembrar de sua refeição à base de carne na véspera, tornando o consumo da carne da mulher morta em sua restauração à vida. Abraham acrescenta que “a aversão pela comida foi em parte uma representação da morte do próprio paciente, pois sem o objeto de seu amor a vida não tinha mais sentido”. Começou depois a elaborar o efeito traumático de sua perda através de um processo inconsciente de introjeção do objeto amado e terminou por encontrar o seguinte consolo: “Meu objeto amado não se foi; porque agora o trago dentro de mim e nunca mais poderei perdê-lo”.

Vemos assim que a identificação não é apenas uma etapa preliminar da escolha objetal e um processo fundamental na estruturação do self nuclear. Ela também reaparece de forma vigorosa nos momentos de transformação do self nuclear. No caso dos heróis, como já vimos, tem a função de estruturar um self objeto onipotente e idealizado, funcionando como um artifício auxiliar que permite uma completa unificação da personalidade sob o domínio do self nuclear transformado.

No caso do luto, a identificação com o objeto perdido permite que este self objeto fique instalado dentro do self, não correndo mais o risco de ser perdido. Acredito que a perda de um self objeto, no qual se investiu profundamente, traga consigo a necessidade de reavaliar ambições e ideais, principalmente se esta perda objetal implicar em uma alteração de identidade, como de casado para viúvo, ou de mãe para mãe órfã. Instala-se, portanto, um estado de desequilíbrio narcísico expresso pelo quadro de profunda dor, apatia e inapetência. Mais uma vez o self nuclear utiliza o mecanismo da identificação com o self objeto como um artifício auxiliar, através do qual incorpora aspectos idealizados do objeto perdido e se transforma, alcançando um novo equilíbrio narcísico.

Freud utilizou o termo “psicose alucinatória carregada de desejo” ao descrever o trabalho do luto; entretanto, devemos salientar mais uma vez que não se trata de uma

dissolução do self, e sim do processo já descrito de utilização da identificação com um self-objeto como artifício auxiliar na transformação do self nuclear imposta pela vida.

Cecília Meirelles faz o relato mais emocionante que pode existir deste processo na poesia, que transcrevo abaixo<sup>8</sup> :

### LAMENTO DA MÃE ORFÃ.

Foge por dentro da noite, reaprende a ter pés e a caminhar,  
descruza os dedos, dilata a narina à brisa dos ciprestes,  
corre entre a lua e os mármore,  
Vem ver-me, entra invisível nesta casa, e a tua boca  
de novo à arquitetura das palavras habitua,  
e teus olhos à dimensão e aos costumes dos vivos!

Vem para perto, nem que já estejas desmanchado  
em fermentos do chão, desfigurado e decomposto!  
Não te envergonhes do teu cheiro subterrâneo,  
dos vermes que não podes sacudir de tuas pálpebras,  
da umidade que penteia teus finos, frios cabelos cariciosos.  
Vem como estás, metade gente, metade universo,  
com dedos e raízes, ossos e vento, e as tuas veias  
a caminho do oceano, inchadas, sentindo inquietação das marés.

Não venhas para ficar, mas para levar-me, como outrora também te trouxe,  
porque hoje és dono do caminho,  
és meu guia, meu guarda, meu pai, meu filho, meu amor!

Conduze-me aonde quiseres, ao que conheces, \_ em teu braço  
recebe-me, e caminhemos, forasteiros de mãos dadas,  
arrastando pedaços de nossa vida em nossa morte,  
aprendendo a linguagem desses lugares, procurando os senhores e as suas leis,  
mirando a paisagem que começa do outro lado de nossos cadáveres,  
estudando outra vez nosso principio, em nosso fim.

### V. MARCELO RODAS

Gostaria agora de falar das transformações do self nuclear que ocorrem a partir de doenças graves e limitantes, que além de defrontarem o indivíduo com a ameaça de morte o obrigam a fazer uma completa reformulação de suas ambições e ideais de vida. Para realizar esta tarefa, contaremos mais uma vez com a valiosa contribuição de um artista, Marcelo Rubens Paiva<sup>9</sup>, que escreveu o livro “Feliz Ano Velho”.

Marcelo é um rapaz de vinte anos, estudante de Engenharia Agrícola e músico nas horas vagas. Já foi muito machucado pela vida, pois seu pai, o deputado Rubens Paiva, foi preso e torturado até a morte quando ele ainda era menino. Tem quatro irmãos e uma mãe, que após a prisão do pai foi trabalhar e sustentou os cinco filhos em todos os sentidos. Em um passeio com seus amigos, mergulha de uma pedra em um lago e, sem se dar conta de que não havia profundidade suficiente, fratura a 5ª. vértebra cervical, passa 30 dias no CTI entre a vida e a morte, e fica tetraplégico. Em seu livro, Marcelo nos relata o primeiro ano de sua vida após o acidente e parece evidente que, escrever este livro, foi para ele um

instrumento fundamental na elaboração do acidente e das repercussões que este teria sobre sua pessoa e sua vida.

Inicialmente vamos nos reportar mais uma vez à situação de luto onde, como nos ensinou Freud, o ego não pode de uma só vez retirar a libido do objeto amado como exige o teste da realidade, e faz isto apenas lentamente, através do penoso trabalho de luto para poder entender que, também no caso deste acidente com repercussões tão amplas, o ego necessitaria de um longo trabalho de elaboração para poder apreender sua nova realidade. Marcelo nos relata justamente este trabalho de elaboração e curiosamente descreve exatamente o mesmo percurso descrito pela Dra. Elizabeth Kübler-Ross<sup>7</sup> em seu livro “Les Derniers Instants de la Vie”.

Após anos de trabalho acompanhando pacientes próximos à morte, Dra. Kübler-Ross desenvolveu uma teoria segundo a qual a aceitação da doença e da própria morte se daria através de um processo composto de cinco etapas. Evidentemente não se trata de um esquema rígido pois as etapas se sobrepõem e se entrelaçam, e alguns pacientes podem até pular certas etapas .

Vejamos então este encontro da arte com a ciência, onde Marcelo exemplifica com absoluta coragem, e às vezes até com humor, as etapas propostas pela Dra. Kubler-Ross.

Como nosso inconsciente somos todos imortais, a primeira reação emocional a uma doença grave, na maioria dos pacientes, costuma ser a seguinte \_ “Não, eu não, isto não pode ser verdade”\_ caracterizando assim a primeira etapa do processo, como a de negação. Esta atitude inicial é encontrada tanto nos pacientes que são esclarecidos desde o principio à respeito de sua doença quanto nos pacientes que não são esclarecidos, e chegam a estas conclusões sozinhos com o passar do tempo. A negação é uma técnica utilizada por quase todos os pacientes, não apenas nas primeiras etapas de sua doença mas também posteriormente de forma mais esporádica, tendo como objetivo estabelecer um sistema de amortecedores que permitem ao paciente se recolher e ganhar novos recursos para lidar com esta realidade, protegendo-o de uma dor tão grande que poderia até levá-lo à loucura. Geralmente é uma defesa temporária, e não tarda a deixar o campo livre para uma aceitação parcial. Bem mais tarde observamos que o paciente tem mais necessidade de solidão do que de negação. Pode assim se ocupar de sua doença e de sua saúde, de sua imortalidade e de sua mortalidade, como se lado a lado vivessem morte e esperança.

Uma semana depois do acidente Marcelo já tinha sido esclarecido à respeito de seu acidente, e nos conta o seguinte episódio: “ De repente começou. Não, não poderia ser, não havia mosquito aqui. Mas era, uma tremenda coceira na cabeça. Calma, tente se concentrar. Passa, desgraçada! Mas ela não passava. Era grande e eu não podia fazer nada. O braço não saía do lugar. Balançava a cabeça e nada. Não teve jeito. Elma! Elma! Veio uma enfermeira bonitinha

\_ A Elma só vem amanhã .

\_ Dá pra você coçar minha cabeça?

\_ Claro

\_ Muito bonitinha, me olhava com uma ternura que transmitia uma certa segurança. Quando estiver bem vou sair daqui, e aposto que acabo namorando esta enfermeira”.

É fácil compreender que este acidente provocou em Marcelo um estado de desequilíbrio narcísico e que a atitude de negação significa na realidade um reaparecimento motivado pela regressão do self grandioso e imortal que sobrevive em todos nós. . Mais uma vez nos lembramos do trabalho do luto, onde Freud descreve inicialmente a psicose alucinatória carregada de desejo que se opõem ao teste da realidade.

Dra. Kübler – Ross relata que quando a negação não pode mais ser mantida, é substituída por sentimentos de irritação, de raiva, de inveja e de ressentimento, como se o paciente perguntasse: “Porque eu?” . Esta 2ª etapa, denominada de irritação, coloca grandes dificuldades para a família e para os médicos, já que esta irritação é irradiada em todas as direções e sobre todos os que cercam o paciente. As queixas a respeito do atendimento médico e a respeito da família são intermináveis. O paciente acaba freqüentemente levando todos os que cercam a evitá-lo, ficando mais irritado ainda. Logo pensamos que à medida que a realidade da doença se impõem, não sendo mais possível sustentar o self grandioso e imortal, o paciente reage com fúria narcísica.

Escutemos Marcelo ao receber alta para ir para casa.

“Na realidade, o que me deu mais medo foi perceber que, em termos médicos, meu caso estava definido. Agora era só esperar o tempo e a recuperação. Que droga, que porcaria de medicina, não serve para nada. Será que nenhum imbecil vai me curar? O homem vai à lua e não consegue inventar uma porcaria de injeção que me cure? Nenhum tipo de operação? Nada? Só eu e meu corpo?”

A 3ª. Etapa proposta chama-se de barganha e costuma ter curta duração. Se o paciente foi incapaz de fazer frente às tristes novidades da 1ª. Etapa, se ficou cheio de cólera contra as pessoas e contra Deus, na 2ª. etapa pode tentar num 3º momento estabelecer um certo acordo na esperança de evitar estes fatos tão dolorosos: “Se Deus decidiu me fazer passar por situações tão dolorosas e Ele não reagiu a meus gritos coléricos, quem sabe Ele não irá me ouvir se eu lhe pedir gentilmente”.

Poderíamos agora fazer uma analogia entre esta etapa da barganha proposta pela Dra. Kübler-Ross e a imago parental idealizada, que também sobrevive em todos nós e pode reaparecer de forma mais clara nestes momentos mais regressivos.

Vejamos como Marcelo descreve esta fase.

“Qualquer pessoa está dentro de um profundo sofrimento, à beira da morte ou sei lá o quê, fica mística. Nessas horas a gente apela pra tudo. Não que eu tenha me convertido à religião católica, mas estava acreditando nas simpatias, nas abobrinhas populares. Uma mulher que tinha entrado para visitar um paciente me olhou, ficou com dó de mim e me deu uma medalhinha de Nossa Senhora de Aparecida. Eu nem sabia que ela era a padroeira do Brasil, mas pedi para pendurarem na minha cama e botei a maior fé naquela plaquetinha de metal. Olhava para ela e sentia uma coisa agradável, uma proteção carinhosa. Foi assim também com o Buda no meu criado- mudo.... Não sei se estas coisas dão certo ou não, mas que outra alternativa eu tinha? Se me dissessem que uma vaca daria sorte, pediria para porem uma na minha cama e colocaria um chapéu cheio de margaridas para ficar mais simpática.”

À medida que a doença progredia e que apesar de seus esforços o paciente não pode mais pretender que ela não existe, a cólera ou o estoicismo acabam cedendo lugar a um sentimento de total desorientação. O paciente é obrigado a admitir que seu self grandioso é frágil e mortal, que sua fúria narcísica não alterou a realidade e que não existe um ser idealizado capaz de curá-lo, instalando-se então o quadro de depressão, que constitui a 4ª. etapa.

Esta depressão consiste em luto por uma parte de si mesmo, por um estilo de vida e por uma infinidade de sonhos e projetos que terão de ser abandonados, mas abre caminho para a etapa final de aceitação. De novo lembramos de Freud à respeito do trabalho do luto, quando nos diz que “ cada uma das lembranças e expectativas isoladas são evocadas e hipercatexizadas e o desligamento da libido se realiza em relação a cada uma delas”.

Escutemos Marcelo sozinho no CTI na noite de reveillon.

“Último dia do ano. Grande coisa. Única diferença é que não haveria fisioterapia. Mas de resto, era um dia qualquer. Passagem de ano é bom para se fazer um balanço do que se passou e prometer a si mesmo que corrigirá seus defeitos.

-Este ano, paro de fumar.

-Este ano, arrumo emprego.

Claro que nada disso dá certo, mas a tentativa é que vale. Na minha situação, não adiantava nada. Que promessa poderia eu fazer, se nem ao menos sabia se ia continuar vivo ou não? E também foi o tipo de passagem para pior. Preferiria que o tempo voltasse atrás, até o exato momento que eu mergulhara naquele lago. Quantas vezes desejei isso. Uma coisa de nada transformou a minha vida num pesadelo... Era Ano Novo. Mudança de década: 1980. Não haveria champagne, serpentina ou abraços. Eu estava só.

-Feliz Ano Novo, Marcelo.

-Prá você também, Marcelo.

Admirava a alegria das pessoas que escutava vindo da rua. Uma alegria da qual eu não fazia parte. Estava triste e só.

-Adeus Ano Velho, feliz Ano Novo!

Não tinha o mínimo sentido. As lágrimas rolaram, chorei sozinho, ninguém poderia imaginar o que eu estava sentindo. Todos sofriam comigo me davam força, me ajudavam, mas era eu que estava ali deitado, e era eu que estava desejando a minha própria morte. Mas nem disto eu era capaz, não havia meio de largar aquela situação. Tinha que sofrer, tinha que estar só, tão só que até o meu corpo me abandonara. Comigo só estavam um para de olhos, nariz, ouvidos e boca.

-Feliz Ano Velho, adeus Ano Novo!

Foi o que eu prometi a mim mesmo: se eu não voltar a andar, darei um jeito qualquer de me matar. Era bom pensar assim. Era muito mais fácil a morte do que a agonia daquela situação...”

Com o passar do tempo, se o paciente foi ajudado a passar pelas etapas precedentes, entrará em um estado onde não estará nem deprimido nem irritado com seu “destino”, alcançando a última etapa de aceitação. Começará então a buscar um novo sentido e uma nova orientação para sua vida. No lugar dos velhos sonhos surgirão novos, no lugar dos velhos valores, outros despontarão. O paciente realizou uma transformação em seu self nuclear, reavaliou diante da nova situação seus ideais e ambições básicas, alcançando um novo estado de equilíbrio narcísico.

Após um ano do acidente, Marcelo informa:

“Um ano já se passou, e ficou uma certeza: minha vida mudou pacas. Sou um outro Marcelo, não mais Paiva, e sim Rodas. Não sou mais violinista, e sim deficiente físico. Ganhei algumas cicatrizes pelo corpo, fiquei mais magro e agora uso barba. Meu futuro é uma quantidade infinita de incertezas. Não sei como vou estar fisicamente, não sei como vou ganhar a vida e não estou a fim de passar nenhuma lição. Não quero que as pessoas me encarem como um rapaz que apesar de tudo transmite muita força. Não sou herói, sou apenas vítima do destino, dentre milhões de destinos que nós não escolhemos. Injustamente, mas aconteceu...”

Também Marcelo utilizou da identificação com uma figura idealizada como um artifício auxiliar, para poder ajudá-lo na passagem destas etapas até a conquista de um novo equilíbrio narcísico. No caso, seu pai, descrito da seguinte maneira.

“Vou usar um velho chapão, mas é verdade que não é matando um corpo que se elimina um homem. Rubens Paiva está vivo em muitas pessoas. Um homem querido, respeitado. Um homem que não temeu nada, ao contrário de quem o matou... nunca em toda a minha vida meu pai fizera falta. Não sei ao certo o que é ter pai, foi curto o tempo que pude

dizer “papai”. Mas de uma coisa tenho certeza, ele se orgulharia de mim. Eu adorava ir à praia e pegar jacaré junto com ele. Era a glória eu ali, sendo levado nas costas do meu pai, preocupado em não machucá-lo com minhas mãos. Vencendo todas as barreiras da natureza revolta, deslizando velozmente. Eu e meu pai, juntos desafiando a vida, sabendo que unidos venceríamos...”

Em seu livro Marcelo também nos relata um sonho decisivo para a aceitação de sua nova realidade.

“Estava numa Kombi junto com uma garota que me fazia carinhos... De repente, outro carro começou a nos perseguir, sei lá porquê. Partimos em velocidade e o sonho se tornou um filme de câmara rápida. Foi quando me dividi em dois cada um guiando uma Kombi. Um era ágil, e mesmo fazendo carinho na garota escapava facilmente dos perseguidores. O outro tinha dificuldade para dirigir, e os caras estavam colados em mim. Aí a única solução foi me atirar contra eles, causando uma enorme explosão. O Marcelo com a namorada viu a explosão e ficou com dó do outro Marcelo”.

Ao acordar Marcelo começa a pensar sobre seu sonho. Acha muito estranho se dividir em dois - um Marcelo que escapa com facilidade das dificuldades da vida e outro que prefere bater de frente. Se pergunta se não está fugindo de um problema sério, e começa a se dar conta que tem negado para si mesmo a existência da cadeira de rodas. É só a partir deste sonho que Marcelo vai procurar no quarto de sua mãe livros que sempre estiveram ao seu alcance, que tratam de injúrias da coluna vertebral, e procura um centro de reabilitação.

Vemos, portanto, que no sonho de Sophie ela se divide em duas, morre biologicamente, mas seus ideais sobrevivem. No sonho do paciente de Abraham, quem se divide em dois é objeto amado, pois ao mesmo tempo que está morto, estará para sempre vivo, agora dentro do paciente. No sonho de Marcelo ele também reconhece que está dividido, sabe que tem recursos e que pode escapar dos obstáculos da vida, mas através da negação está se atirando de frente contra o perigo e fica assistindo penalizado. Creio que nestes sonhos, estas divisões na realidade expressam as transformações que ocorreram dentro do self nuclear destes indivíduos.

Observamos também que Sophie se fundiu com seus ideais, a mãe órfã com o filho perdido e Marcelo com seu pai, e desta forma os três conquistaram poderosos aliados que os auxiliaram a encontrar um novo equilíbrio narcísico.

Espero que deste encontro entre a arte e a psicanálise tenha sido possível trazer alguma contribuição para a compreensão das transformações do self nuclear sob os impactos da vida e da morte.

## VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Abraham, Karl. Teoria Psicanalítica da Libido. Imago Editora Ltda., 1970.
2. Freud, Sigmund. Leonardo da Vinci e uma Lembrança de sua Infância. Vol. XI da Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Imago Editora Ltda., 1970.
3. Freud, Sigmund. Luto e Melancolia. Vol. XIV da Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas da Sigmund Freud, Imago Editora, 1970.
4. Jones Ernest. Vida e Obra de Sigmund Freud. Editores Zahar, 1979.
5. Kohut, Heinz. The Search for the Self. International Universities Press, Inc., 1980.
6. Kohut, Heinz. Psicologia do Self e a Cultura Humana, Editora Artes Médicas, 1988.
7. Kübler-Ross, Elizabeth. Les Derniers Instants de la Vie. Editora Labor et Fides, 1975.
8. Meireles, Cecília. Obra Poética. Editora Aguilar, 1970.
9. Rubens Paiva, Marcelo. Feliz Ano Velho. Editora Brasiliense, 1982.